

# ULISBOA

Revista da Universidade de Lisboa | 18 | Março 2021



FEMINISMO  
ESTUDANTES CIGANOS  
SOLIDARIEDADE

**EXPOSIÇÃO**  
**EXHIBITION**



# MUHNAC

## VARIAÇÕES NATURAIS

**Uma viagem pelas paisagens de Portugal**  
A voyage through the landscapes of Portugal

Até 25 de novembro de 2021



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA  
NATURAL E DA CIÊNCIA



**N**este número incluímos uma notícia sobre o Hospital de Campanha recentemente montado no Estádio Universitário, e sobre muitos dos profissionais de saúde e das pessoas que, num esforço admirável, o puseram em prática ou, nessa difícil conjuntura sanitária, logo se disponibilizaram a ajudar fazê-lo.

Falámos com a Presidente do Conselho Geral da Universidade, agora que o seu segundo mandato de exercício de uma função que assumiu no início da atual Universidade de Lisboa se aproxima do seu termo. A experiência destes oito anos de vida da Universidade é um adquirido histórico maior da instituição e do país, e virá decerto a ser objeto de análises que documentarão mais amplamente a sua natureza e importância.

Falámos também com um antigo Reitor de uma das duas universidades que puseram em prática a fusão inicial. Tendo-se recentemente jubilado, após uma longa carreira de investigação e ensino, prossegue entretanto o seu trabalho intelectual rigoroso, aturado e contínuo.

Também uma investigadora, com quem conversámos, prossegue a sua investigação em domínios disciplinares cuja história recente é a da progressiva modulação de uma abordagem ainda relativamente inédita na universidade portuguesa.

Falámos com alguns dos alunos ciganos da Universidade, que nos deram conta das suas experiências e dos seus projetos, dos limites que iniquamente muitas vezes lhes foram, e são, impostos, e das possibilidades que, apesar disso, para si criaram e ativamente perseguem.

Por fim, damos conta da experiência filantrópica e humanitária de um *alumnus* da Universidade, e de tudo o que essa experiência virtuosa deve implicar para todos nós. ●

# ÍNDICE



- 1 **Editorial**
- 2 **Índice**
- 3 **Notícias**
- 6 **Sobre**  
A Alimentação nas Cantinas ULisboa, por Alice Pires
- 7 **4 Coisas**  
Pedro Mexia
- 8 **Estrutura Hospitalar de Contingência de Lisboa**
- 12 **Leonor Beleza**
- 16 **José Barata-Moura**
- 20 **As histórias de estudantes ciganos na ULisboa**
- 26 **Filipa Lowndes Vicente**
- 30 **E assim sucessivamente**  
Pedro Matos

---

## FICHA TÉCNICA

Edição e propriedade: **Universidade de Lisboa** · Departamento de Arquivo, Documentação e Publicações

Diretor: **António M. Feijó** | Direção executiva e produção: **Ana Silva Rigueiro**

Redação e comunicação: **Ana Cláudia Santos, Ana Luísa Valdeira, Helena Carneiro**

Fotografias: **Ana Luísa Valdeira**

Capa: **Pedro Matos** sobrevoando a cidade de Beira, Moçambique © Johnny Shipley

Design gráfico: **A Bunch of Susans**

Impressão: **Lidergraf – Sustainable Printing** | Tiragem: 12 000 exemplares

Periodicidade: março, maio, outubro e dezembro | Assinaturas e distribuição: [imprensa@reitoria.ulisboa.pt](mailto:imprensa@reitoria.ulisboa.pt)

Depósito legal: **418564/16** | ISSN: **2183-8844**

Contactos gerais: **Imprensa da Universidade de Lisboa**

Alameda da Universidade · Cidade Universitária · 1649-004 Lisboa · Portugal

Tel.: +351 217 904 750 - Ext. 19 750 | E-mail: [imprensa@reitoria.ulisboa.pt](mailto:imprensa@reitoria.ulisboa.pt)

Distribuição Gratuita



**IMPRESA  
DA UNIVERSIDADE  
DE LISBOA**



## Centenário Faculdade de Farmácia

18 de janeiro de 2021 foi um dia memorável para a Faculdade de Farmácia. A data regista os 100 anos da publicação do decreto n.º 7238, pelo qual a Escola Superior de Farmácia passou a designar-se Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, permitindo não só a atribuição dos graus de licenciado e doutor em Farmácia, mas também a emissão do diploma de Farmacêutico-Químico. A efeméride foi assinalada com a realização de uma sessão virtual que marcou a abertura das comemorações do centenário. Prevê-se a realização de iniciativas de homenagem ao percurso de conhecimento e inovação que marca a identidade da Faculdade de Farmácia, e que sejam agregadoras do património humano e científico que caracterizam esta Escola da ULisboa. A celebração do centenário é importante quer para a Faculdade, quer para as ciências farmacêuticas e a profissão farmacêutica.

Informação atualizada em:

[www.facebook.com/100FFUL](http://www.facebook.com/100FFUL)

[www.ff.ulisboa.pt/centenario-fful/](http://www.ff.ulisboa.pt/centenario-fful/)

## Sandra Balão nomeada para Comité Internacional de Ciência do Ártico ISCSP

É a primeira vez que o Comité Internacional de Ciência do Ártico (International Arctic Science Committee) tem um representante português na área das ciências sociais e humanas. A professora e investigadora do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas integra o Grupo de Trabalho Social e Humano do Comité, tendo sido selecionada na sequência de uma resposta sua a uma chamada internacional. Destacou-se o trabalho de investigação que desenvolve desde 2009 na área dos estudos políticos, estratégicos e internacionais nas zonas polares, em particular no Ártico.

Nomeada por cinco anos, a investigadora propõe-se promover o interesse da comunidade científica e académica nacional para



os estudos sobre o Ártico, em particular nas ciências sociais e humanas, afirmando ser fundamental disseminar os resultados da investigação junto dos *stakeholders* nacionais.

## Projeto SOLIDARIS Instituto de Educação

SOLIDARIS é um projeto de cooperação transnacional baseado numa parceria entre instituições de ensino superior europeias (Alemanha, Espanha, Itália e Portugal) e de países da América do Sul (Argentina, Chile e Brasil), com vista a produzir resultados que beneficiem primordial e diretamente as organizações dos países parceiros.

O objetivo principal do projeto é a capacitação do pessoal docente e não docen-

te para melhorar o apoio à comunidade universitária, em especial aos alunos com dificuldades especiais, facilitando a sua inclusão ativa na universidade e o empoderamento para o seu desenvolvimento socio-educativo.

A 11 de fevereiro decorreu a apresentação de resultados do projeto Erasmus+ «SOLIDARIS – Universidades Inclusivas: Competências chave da comunidade universitária para o desenvolvimento de uma cidadania ativa», em regime *online*. Foram apresentados os referenciais da formação de pessoal docente e não docente, assim como os resultados finais do projeto.

Mais informações:

[www.ie.ulisboa.pt/projetos/solidaris](http://www.ie.ulisboa.pt/projetos/solidaris)

[proyectosolidaris.org/pt/](http://proyectosolidaris.org/pt/)





© ISA

## Abertura ao público de novos trilhos, caminhos pedonais e ciclovias Tapada da Ajuda

Dezembro e janeiro foram meses com inovações assinaláveis no Instituto Superior de Agronomia: abriram ao público os novos trilhos, caminhos pedonais e ciclovias da Tapada da Ajuda.

Os trabalhos de melhoria da mobilidade no polo da Ajuda realizaram-se ao longo de 2020, no âmbito do Programa Estratégico para o Desenvolvimento do *Campus* da Tapada da Ajuda, do ISA. Trata-se de um projeto integrado no programa Lisboa Capital Verde Europeia 2020, e que contou com o apoio de 720 mil euros

por parte da Câmara Municipal de Lisboa. O objetivo maior foi incentivar uma menor dependência do automóvel e, assim, reduzir o seu impacto nos espaços comuns. Diferenciando as soluções de transporte, garantiu-se a segurança e a prioridade ao peão e ofereceu-se uma via alternativa aos ciclistas.

A Tapada da Ajuda já se encontrava aberta ao público para o acesso pedonal e de bicicletas pela entrada da Rua Jau, todos os dias das 7h00 às 24h00. Agora, com a abertura do Portão da Ponte, todos os outros por-

tões estarão abertos durante feriados e fins de semana. A rede de percursos pedonais e cicláveis permite articular entre si as quatro entradas da Tapada, abrindo-a à cidade. Os percursos, a sinalética e o mobiliário estão em linha com a imagem do Parque Florestal de Monsanto.

Pode consultar-se os horários de cada portão de acesso, a identificação dos edifícios da Tapada da Ajuda, e o caminho da ciclovia que liga o polo universitário da Ajuda ao Portão da Ponte, aqui:

[www.isa.ulisboa.pt/apresentacao/localizacao](http://www.isa.ulisboa.pt/apresentacao/localizacao)



## Hospital dos Pequeninos no Espaço!

A Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa organiza a 19.<sup>a</sup> edição do projeto Hospital dos Pequeninos. Inicialmente criado e desenvolvido pela EMSA – European Medical Students Association, o projeto tem como objetivo reduzir o medo da bata branca nas crianças dos 3 aos 7 anos.

A edição deste ano decorre num inédito formato *online*, com uma plataforma plena de novidades, dedicada ao tema Hospital dos Pequeninos no Espaço.

Ao longo do *site*, a criança e o seu brinquedo terão oportunidade de passar por várias estações: Triagem, Consulta, Análises, Desinfecção, Cirurgia, Pensos, Farmácia, Dentária e Nutrição, vivendo assim uma aventura cujo objetivo final é o de curar o amigo que trouxerem consigo. Em todo o percurso, serão acompanhadas pela mascote do projeto, o Pedro e o seu Ursinho, assim como por algumas novas personagens. O *site* será lançado a 24 de abril e estará disponível para todas as crianças.

Mantenha-se atualizado sobre esta iniciativa em:

[www.facebook.com/hospitaldospequeninos/](https://www.facebook.com/hospitaldospequeninos/)

## Eleição para os Membros Eleitos do Conselho Geral e do Senado da ULisboa Calendário

Nos próximos dias 3 e 4 de maio terá lugar o ato eleitoral para a eleição dos membros eleitos do Conselho Geral, e do Senado, da Universidade de Lisboa.

De acordo com o calendário eleitoral homologado pelo Reitor António Cruz Serra, ao longo do mês de março serão elaborados e afixados os cadernos eleitorais provisórios, havendo lugar à apresentação de

reclamações sobre os cadernos eleitorais e à sua subsequente análise. Serão afixados os cadernos eleitorais definitivos, estabelecidas datas para a apresentação de recursos e para a decisão do Reitor sobre os mesmos. Nos dias 31 de março e 1 de abril serão entregues as listas concorrentes para o Conselho Geral e para o Senado. O processo eleitoral seguirá o calendário abaixo:

Análise da regularidade formal das listas concorrentes, pela Comissão Eleitoral	De 05 a 07/04/2021
Correção de irregularidades formais das listas	08 e 09/04/2021
Aceitação definitiva das listas pela Comissão Eleitoral	12/04/2021
Apresentação de recursos sobre as decisões da Comissão Eleitoral para o Reitor	13/04/2021
Decisão do Reitor sobre os recursos	De 14 a 16/04/2021
Campanha eleitoral	De 19 a 30/04/2021
Reflexão	01 e 02/05/2021
Eleições	03 e 04/05/2021
Apuramento e divulgação dos resultados provisórios	05/05/2021
Reclamações para a Comissão Eleitoral	06/05/2021
Análise das reclamações e elaboração do relatório a ser presente ao Reitor para homologação	De 07 a 10/05/2021
Homologação e divulgação dos resultados eleitorais	Até 11/05/2021

# SOBRE

## A ALIMENTAÇÃO NAS CANTINAS ULISBOA

Alice Pires \*

A entrada na Universidade reflete-se num novo patamar de emancipação para os estudantes, elevando as suas responsabilidades em diversas áreas e, em particular, no que respeita às suas opções alimentares. Os bons hábitos na alimentação são um desafio para toda a sociedade e para os jovens estudantes. Urge, assim, salvaguardar que não pratiquem uma dieta altamente calórica, rica em açúcares e gorduras saturadas, propícia ao desenvolvimento de doenças como obesidade, diabetes, doenças cardiovasculares e outras, relacionadas com hábitos alimentares inadequados.

Uma alimentação saudável fortalece o sistema imunitário, melhora a resistência física e o desempenho cognitivo, com reflexo direto numa frequência escolar bem-sucedida.

Conscientes do impacto da nutrição na saúde, é nosso desígnio apoiar a comunidade académica da ULisboa, com a oferta nas Cantinas de um serviço capaz de disponibilizar uma alimentação variada, equilibrada, com alimentos de alta qualidade nutricional, sustentada na dieta mediterrânica.

É nosso compromisso diário proporcionar o conforto de uma refeição de tipo caseiro, não descurando o acompanhamento das atuais tendências, numa realidade cada vez mais marcada pela diversidade gastronómica. Embora empenhados no vínculo tradicional, estamos permanentemente motivados para a inovação dos nossos pratos e atentos à opinião da nossa comunidade. Neste sentido, temos introduzido novos produtos e métodos de



© Carlos Da Mesquita

confeção que visam harmonizar uma refeição preparada com cuidado e qualidade, nomeadamente: substituição de óleo por azeite na confeção dos pratos; alteração da oferta de pão normal por integral; oferta de chás para redução do habitual sumo açucarado; aumento da rede de bebedouros com filtro purificador, para que a nossa comunidade se mantenha hidratada; incremento da diversidade dos produtos hortícolas como acompanhamento das refeições (alface, tomate, couve roxa, brócolos, couve de Bruxelas, etc.); aumento do consumo de leguminosas nas sopas e pratos; e redução progressiva do sal na confeção, recorrendo ao tempero com ervas aromáticas.

Também queremos estar presentes «fora da mesa» e, nesse sentido, temos desenvolvido campanhas de sensibilização visando uma alimentação saudável e sustentável, por forma a impulsionar o aumento do conhecimento nesta matéria. Realçamos a palestra e *showcooking* «Dieta Mediterrânica»

e a exposição «Plantas na Comida», iniciativas desenvolvidas em colaboração com diversas entidades, destacando, no âmbito da ULisboa, a parceria com o Departamento de Relações Externas e Internacionais, o Estádio Universitário e os Museus e, no âmbito externo, com a Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.

A esta preocupação com os hábitos alimentares acresce o respeito por e o recurso a práticas ambientalmente sustentáveis.

Convictos de que podemos e queremos fazer parte da mudança, indo das palavras às ações, criámos diversos pontos de reciclagem, distribuídos pelas Unidades Alimentares, e implementámos medidas tendentes à diminuição da utilização de plástico. De igual modo, temos substituído os equipamentos obsoletos por modelos com a melhor eficiência energética, de entre os adequados e disponíveis no mercado.

A atual situação pandémica trouxe novos desafios para todos. Com plena consciência do serviço essencial que prestamos, os Serviços de Ação Social da ULisboa continuam a responder às necessidades de quem nos procura. Tivemos de nos reorganizar para prosseguir a nossa atividade em proximidade afetiva pelo utente, disponibilizando, também, refeições em regime de *takeaway*.

É nosso desejo conquistar a satisfação de quem usufrui dos nossos serviços, como recompensa intrínseca da nossa motivação para continuar, de forma dinâmica, a fazer o melhor a cada dia. ●

\* Coordenadora do Núcleo de Alimentação dos Serviços de Ação Social da ULisboa

# 4 COISAS

## Pedro Mexia

Alumnus da Faculdade de Letras



© Ana Brígida



### A canção de amor de J. Alfred Prufrock

*Prufrock e Outras Observações*, de T.S. Eliot, e em especial o poema que dá título ao conjunto, traduzido em 1985 na colecção Gato Maltês por João Almeida Flor, foi o primeiro livro de poesia que me interessou de verdade, me-

lodoso e interrogativo, canónico e moderno, sarcástico e desesperado, enigmático e memorável. Foi por causa de *Prufrock* que comecei a escrever poemas, o que talvez se lamenta, e que descobri uma afinidade, uma genealogia.



### Paris, Texas

O espaço entre as cidades e os desertos, o espaço entre as pessoas, o espaço entre as expectativas e as memórias, o espaço entre a sombra e o acto, o espaço entre o recuperável e o irremediável.

Em *Paris, Texas* (1984), escrito por Sam Shepard, diri-

gido por Wim Wenders, interpretado por Harry Dean Stanton e Nastassja Kinski, o espaço é tudo, mas cada espaço é, a seu modo, uma função do tempo. E esse domínio das duas coordenadas pareceu-me sempre uma raridade e um assombro.



### Londres

Quem está cansado de Londres está cansado da vida, garantiu Samuel Johnson. Estou de acordo. Nos últimos vinte e tantos anos, encontrei sempre em Londres aquilo de que precisava, no exacto momento em que precisava. Com

o tempo e o hábito, tornou-se uma cidade onde tenho os meus cinemas, museus, teatros, as minhas livrarias, como quase deixei de ter em Lisboa. Uma cidade agora momentaneamente longínqua, mas sempre no meu fuso horário.



### Ampulhetas

A ampulheta é a única resposta imaginável à pergunta agostiniana: «O que é o tempo?» Nem Bergson nem Proust o demonstraram de modo tão sucinto: o tempo é aquilo que se escoia. Em vez de jogar com ideias, teo-

rias, impressões, convenções, a ampulheta é o tempo em acto, coisa cheia que se esvazia à nossa frente. Talvez por isso, gosto de ter na estante uma ampulheta, o objecto que sabe o que é o tempo mesmo quando lhe perguntam.

[Pedro Mexia é anti Acordo Ortográfico e tal foi considerado na redacção das suas respostas.]



# ESTRUTURA HOSPITALAR DE CONTINGÊNCIA DE LISBOA

© Ana Luísa Valdeira

Resulta de uma parceria entre a Universidade de Lisboa e a Câmara Municipal de Lisboa, com o apoio da Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo, do Centro Hospitalar Universitário Lisboa Norte, do Centro Hospitalar Universitário Lisboa Central, do Centro Hospitalar Lisboa Ocidental, e do Estado-Maior General das Forças Armadas. A EHCL é dirigida, na área clínica e de gestão de recursos afetos à prestação de cuidados de saúde, por uma Comissão Diretiva presidida por António Diniz e composta por vogais, uma das quais a enfermeira-chefe Fátima Caetano.

**D**esde abril de 2020 que as instalações do Pavilhão 3 do Estádio Universitário de Lisboa estavam preparadas para receber doentes com COVID-19. Longos meses passaram, com a expectativa de que não viesse a ser necessário entrar em funções. Com o recrudescimento, no início de 2021, do número de infeções e de internamentos em cuidados intensivos, tornou-se imprescindível utilizar esta estrutura de apoio, ativada a 22 de janeiro.

Com a capacidade de 58 camas, nos primeiros dias de fevereiro, data da nossa conversa

com João Barreiros, vice-reitor da ULisboa, 34 estavam ocupadas, seis doentes já tinham tido alta e registara-se um óbito. Foram destacados cerca de 20 médicos, 20 enfermeiros e 20 assistentes operacionais de várias unidades hospitalares para manterem este pavilhão em funcionamento. Trabalham em turnos que vão das quatro às dezasseis horas, variando de acordo com o serviço que mantêm nas unidades hospitalares de origem.

A estrutura recebe doentes dos centros hospitalares da área metropolitana de Lis-

boa, cuja condição médica se situa num intervalo intermédio de uma escala, nem demasiado severo, nem que não justifique internamento. Em 28 camas, está instalada uma capacidade para administração de oxigénio a um fluxo de 4 L por minuto; se considerarmos que alguns doentes necessitam de 20, 50, ou até 80 L de oxigénio por minuto – a quase totalidade de oxigénio necessária à sobrevivência –, percebemos melhor o tipo de doentes aqui acolhidos.

Poucos dias após a entrada em funcionamento do Pavilhão 3, considerou-se importante preparar a abertura de outro pavilhão desportivo do Estádio Universitário, já pré-estruturado para esta nova função desde o início da pandemia. Trata-se do Pavilhão 1, com capacidade para 150 camas, das quais 50 irão dispor de oxigénio distribuído. O número de camas pode aumentar até às 200, caso necessário.

À entrada, sobressai o eixo central, aberto e desimpedido. Por aqui circularão macas, a alimentação e outros equipamentos de grande dimensão. À esquerda e à direita do eixo estão as enfermarias, cada uma com a possibilidade de albergar entre 12 a 14 doentes. As camas, articuladas e elétricas, são adaptáveis às várias posições exigidas – deitado, sentado, de bruços, entre outras – e dispõem de um sistema de chamada. Para a rápida localização do doente, o espaço foi organizado segundo uma orientação Norte Sul, atribuindo-se uma letra a cada enfermaria e um número a cada cama: Norte B 7, por exemplo.

Esta informação chega a uma das três ilhas de controlo instaladas no pavilhão, onde funcionará a logística informática e onde estarão materiais para apoio mais imediato, como toalhas, água e medicamentos. É um melhoramento em relação à organização do Pavilhão 3, em que a farmácia se encontra numa sala à parte das enfermarias. Os doentes recebidos no Pavilhão 1 podem apresentar patologias diferentes, como hipertensão, diabetes, ou infeções bacterianas, implicando diferentes medicamentos e dosagens, que serão assegurados por uma farmácia hospitalar apoiada pelo Hospital de Santa Maria.

Existe também espaço para uma sala de emergência preparada para doentes que desenvolvam quadros clínicos graves e necessitem de cuidados urgentes, como a administração de uma quantidade superior de oxigénio, medicamentos por via intravenosa, ou meios de reanimação.

Para a higiene dos doentes nas próprias

camas, a Faculdade de Medicina Dentária doou carrinhos com tinas de inox, fáceis de higienizar, antes usadas para colocar os instrumentos da prática dentária. As faculdades de Ciências, Direito e Farmácia cederam sofás, destinados aos doentes a precisarem de menos cuidados ou a pessoal médico em momentos de descanso.

Serão estabelecidos circuitos adequados a uma separação, eficiente e segura, de espaços contaminados e não contaminados. A entrada no pavilhão será realizada mediante um procedimento padronizado: numa zona limpa, retira-se a roupa trazida e veste-se fatos de proteção, entrando-se na zona contaminada. Para sair, será feito o percurso inverso: despe-se a roupa e o equipamento de proteção, depositados em recipientes próprios, depois selados; toma-se duche, passa-se para uma zona de transição onde se veste roupa interior, e depois para uma zona limpa onde se veste a roupa habitual. O estabelecimento dos circuitos está diretamente relacionado com a gestão de pressões de ar: o ar da zona contaminada tem pressão negativa enquanto o da zona limpa vem do exterior e mantém uma pressão positiva. Este mecanismo é gerido com bombas de ar e ventilação, por meio de um sistema instalado para este fim. É assegurada uma temperatura confortável e constante em toda a zona hospitalar, independente da temperatura exterior.

Existe uma zona limpa exclusiva para médicos, enfermeiros e pessoal administrativo, com entrada independente, que inclui duas salas para descanso e reuniões, gestão administrativa e apoio alimentar. Foi também obtida a colaboração do projeto Cama Solidária – [www.camassolidaria.pt/](http://www.camassolidaria.pt/) – que disponibilizou caravanas para descanso dos profissionais de saúde a trabalhar neste espaço.

Caso a evolução da pandemia justifique a ativação do Pavilhão 1, o Estádio Universitário fechará ao público todos os espaços envolventes e os acessos serão cuidadosa-

mente controlados, tal como já acontece no Pavilhão 3.

### PROGRAMA DE VOLUNTARIADO

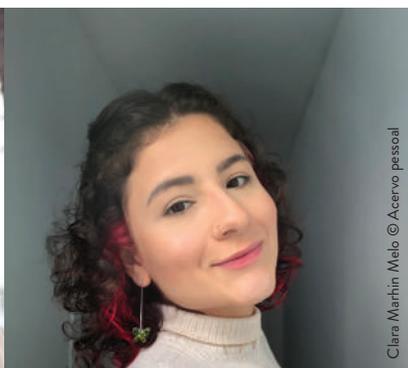
Numa altura em que os hospitais continuavam com uma pressão elevada, tornou-se evidente que toda a ajuda seria bem-vinda. A Universidade de Lisboa decidiu, por isso, apelar a todos aqueles que quisessem apoiar os profissionais da Estrutura Hospitalar de Contingência de Lisboa, instalada no Estádio Universitário. O programa de voluntariado foi lançado a 2 de fevereiro e, 48 horas depois, tinha mais de mil voluntários inscritos, uma verdadeira «pandemia de generosidade», como a apelidou o vice-reitor João Barreiros, surpreendido e emocionado com o elevado número de candidaturas. Apesar do surpreendente sucesso da iniciativa, a implementação deste programa só avançará se a evolução da situação pandémica o vier a justificar.

Para se voluntariarem, os candidatos apenas tinham de cumprir dois requisitos: terem mais de 18 anos e terem já estado infetados com o vírus SARS-CoV2, e por isso com a probabilidade de possuírem imunidade à infeção, condição que viria a ser controlada através de testes serológicos realizados pela Faculdade de Farmácia. Candidataram-se estudantes, empregados, desempregados e trabalhadores em *lay-off* das mais diversas áreas. Foram selecionados 80 e os restantes ficaram numa bolsa de voluntários, na condição de poderem vir a ser chamados, caso se viesse a revelar necessário. Na seleção dos voluntários foi considerada, entre outros fatores, a sua disponibilidade para a realização de dois turnos semanais, e a proximidade da sua residência ao Estádio Universitário, evitando deslocações morosas.

Luísa Ventura, estudante do 1.º ano do mestrado em Reabilitação Psicomotora, na Faculdade de Motricidade Humana, é uma das inscritas. Participar em programas de voluntariado não é para si uma



Luísa Ventura © Nuno Ventura



Clara Marhin Melo © Acervo pessoal



Mário Andrade © Acervo pessoal



Raquel Gonçalves © Cláudio Noy e Tiago Pinheiro

novidade, faz parte da sua vida há muito tempo, resultado de uma consciência cívica que tem desenvolvido nos escuteiros: «Não pensei duas vezes antes de me inscrever. Sempre que posso, faço voluntariado. Vivo pelo ideal de Baden-Powell e, como tal, procuro deixar o mundo um pouco melhor do que o encontrei. É por isso que estou em Reabilitação Psicomotora e tento encontrar oportunidades de voluntariado em todo o lado, mesmo no estrangeiro. No fundo, é o que me move. Gosto de ajudar as outras pessoas.»

Também Mário Andrade, aluno da Faculdade de Medicina da ULisboa, tem experiência em voluntariado. Participou em programas promovidos pela sua faculdade e num, de seis meses, na Polónia. Em todos dava apoio escolar aos mais jovens, ao mesmo tempo que os sensibilizava para os problemas sociais da atualidade. Não hesitou

em inscrever-se neste programa. O que o move? Perceber que a sua ajuda pode suprir a escassez de recursos humanos e a sobrecarga de trabalho de todos os profissionais envolvidos: «É um momento histórico nas nossas vidas e qualquer apoio que possa dar pode ser útil.» Estudar medicina torna-o mais atento e sensível aos acontecimentos. Considera-a uma área com uma grande componente social e humana, em que os profissionais de saúde exercem grande influência na vida dos doentes.

A vontade de ajudar é muita e todos estão cientes da importância que o seu apoio poderá ter no dia a dia dos pacientes. E que tipo de auxílio poderão prestar? Todos os cuidados que não necessitem de uma formação clínica específica. Ajudarão em tarefas de alimentação, higiene e apoio administrativo, libertando os profissionais de saúde para um serviço clínico mais es-

pecializado. Raquel Gonçalves, estudante de medicina na Universidade Nova de Lisboa, outra das voluntárias inscritas, explica-nos o que está previsto: «A maior parte dos doentes tem idade avançada e precisará de ajuda para comer, de tempo para o fazer e de paciência por parte de quem os alimentará. Também poderemos ajudar nos cuidados de higiene dos doentes que não tenham capacidade para o fazer.» Raquel considera, no entanto, que o mais importante será o apoio moral: «É uma doença longa e as pessoas sentem-se sozinhas. Os voluntários servirão para conversar, desabafar, fazer companhia ou pô-los em contacto com os familiares.»

Esta é também a expectativa de Clara Marhin Melo, estudante de Psicologia na ULisboa. Conta-nos que veio de Macapá, uma cidade pobre no norte do Brasil, perto da floresta amazónica, onde encontrou

situações difíceis que lhe causaram grande desconforto e a levaram a querer ajudar pessoas com necessidades. É também sensível ao ambiente em internamento hospitalar, que já experienciou: «É mau não poder receber visitas, não poder falar com ninguém. Imagino as pessoas nestas condições, com os médicos e enfermeiros extremamente ocupados e sem lhes poderem dar a atenção que gostariam de dar.» Apesar de ser a sua primeira experiência como voluntária, Clara vê aqui uma oportunidade para atenuar a solidão dos doentes: «Posso não ter ainda as competências necessárias que o meu curso me dará, mas a escuta é terapêutica. Só o facto de ouvir as pessoas imagino que faça diferença para elas.»

Este tremendo sentido de solidariedade sensibilizou toda a organização desta estrutura. Os rostos destes jovens voluntários espelham um espírito altruísta e hu-

manitário, com vontade de, nestes tempos difíceis, fazerem parte da solução. Como nos diz Clara: «Antes, pensava que, para mudar o mundo, eram precisos atos grandiosos. Hoje, penso que conseguimos mu-

dar a vida de algumas pessoas, mesmo que não muitas, e que isso não é pouco. Mudar o mundo todo não é realista, mas talvez consigamos ajudar uma pessoa ou outra, durante o caminho.» •



© Ana Luisa Valdeira

#### FÁTIMA CAETANO, ENFERMEIRA-CHEFE

«O trabalho que aqui fazemos faz parte da nossa profissão, mas, acima de tudo, é uma missão. Temos de gerir a parte profissional e as emoções. Por um lado, tentamos solucionar tudo o que tem a ver com o lado profissional, materiais, farmácia, recursos humanos, sistema informático. Por outro, temos de gerir a parte emocional, ligada aos doentes e às suas famílias. Muitos doentes que aqui chegam não sabem dos familiares há dois ou três dias. Às vezes, a emoção é mais forte do que a profissão. Venho do Hospital Pulido Valente, ficou lá um segundo elemento a dar apoio, mas, quando precisa de ajuda, eu vou. Estou aqui com muito orgulho e satisfação, praticamente 24 horas. Vou a casa dormir um pouco e volto logo a seguir. A adrenalina ajuda a não parar, porque são inúmeras as solicitações. Costumo dizer que sim a tudo. Quando disser não, é porque não consigo mesmo. Temos pessoal suficiente, embora gostasse de ter mais auxiliares. Apesar disso, as que estão são muito desembaraçadas, trabalhadoras, empenhadas. Estão com um verdadeiro espírito de missão.»

#### ANTÓNIO DINIZ, COORDENADOR CLÍNICO

«Tenho uma sensação agridoce quando penso nesta estrutura. Sinto-me honrado e satisfeito por termos conseguido montá-la, o que foi possível apenas com a colaboração entre várias estruturas de saúde e outras independentes da saúde, numa lógica de encontrar soluções para as novas questões que nos são diariamente colocadas. É gratificante vermos uma grande quantidade de pessoas que se voluntariaram para trabalhar aqui. Disseram-me: «Sou médica, não estou a exercer a atividade, mas disponibilizo-me para trabalhar aí.» Esta é a parte doce. A parte menos boa é ter-se revelado inevitável a sua abertura. Tive esperança de que esta estrutura servisse como uma prova de conceito, porque não viria a ser aplicada: a arquitetura ficaria montada, caso viesse a revelar-se necessária, mas que esse dia não chegaria. Tenho 40 anos de Serviço Nacional de Saúde e nunca pensei viver o que estou a viver hoje, com unidades de cuidados intensivos sobrelotadas, doentes a terem de ser transferidos para outras unidades por falta de capacidade daquelas onde estavam, e na iminência de pedir ajuda internacional. Nunca pensei viver isto ao fim de onze meses de pandemia. A história dirá o que aconteceu, e eu contribuirei, na minha medida, para fazer essa história.»



# LEONOR BELEZA

É presidente do Conselho Geral da Universidade de Lisboa, além de antiga aluna e assistente da Faculdade de Direito. Do seu gabinete da Fundação Champalimaud, à qual preside, falou connosco por videochamada sobre alguns dos desafios dos nossos tempos, revisitando memórias da Universidade.

Fotografia © Rosa Reis

**U LISBOA** O que mudou na Universidade de Lisboa desde que foi estudante e assistente?

**LEONOR BELEZA** (*Pausa*) Estava a tentar lembrar-me do último ano em que dei aulas... Salvo erro, foi em 1982. É difícil responder à pergunta sem me lembrar das circunstâncias em que fui aluna, assistente, daquelas em que deixei de ser, e daquelas em que não regressi. No início do meu percurso na Universidade de Lisboa, ela era vista do lado da Faculdade de Direito, o sítio onde estudei, fiz amizades e fui feliz; a Universidade era o edifício da Reitoria. Passados tantos anos, o país mudou muito, e a ambição desta Universidade, com a sua configuração atual, o conjunto vastíssimo de unidades de ensino e tudo o que a compõe, é completamente diferente.

**ULISBOA** Que desafios destaca no processo de fusão que levou à criação da Universidade de Lisboa?

**LB** É um processo singular em Portugal. Foi o resultado, em primeiro lugar, de algumas vontades, assentes nas realidades existentes e nas vantagens que podiam daí sobrevir. Houve um conjunto de circunstâncias históricas que permitiram uma

transformação tão inédita. Quando duas realidades se fundem, há um sentimento possível de perda dos dois lados, porque isso é percecionado como perda de autonomia, de dimensão, de importância. Conseguir que as duas universidades olhassem para si próprias e uma para a outra, e que valorizassem mais o que tinham a ganhar do que a perder, resultou das qualidades excecionais de algumas pessoas à frente do processo, e de todos os que permitiram que fosse para a frente. Conseguiu-se algo raro e precioso: uma transformação profunda de instituições importantes para a sociedade portuguesa, com o objetivo racional de conseguir uma realidade que, do meu ponto de vista, hoje é melhor para todos. Vejo com emoção pessoal e satisfação o facto de que a antiga aluna de há muitos anos de uma Escola da Universidade de Lisboa pôde estar presente e acompanhar uma transformação que gerou uma realidade mais multidisciplinar, com mais capacidades, e já com muitas realizações.

**ULISBOA** Teria gostado de continuar a ser docente na Faculdade de Direito?

**LB** Quando saí, deixei de fazer uma coisa de que gostava muito. Foi um tem-

po apaixonante, porque ensinava Direito Civil e tinha aí havido modificações legislativas profundas, em que tive o privilégio de participar. Saí para desempenhar cargos políticos: o primeiro, como Secretária de Estado da Presidência do Conselho de Ministros, numa altura em que o país passava por grandes modificações, na consolidação de uma democracia. Seguiram-se outras experiências que me mantiveram afastada da Faculdade. Quando essas circunstâncias se alteraram e teria sido possível voltar – foi-me perguntado insistentemente pela pessoa com quem eu mantive mais proximidade no corpo docente da Faculdade de Direito, a Professora Isabel Magalhães Colaço, com quem tinha trabalhado nas modificações legislativas –, eu não quis. Não me pareceu possível fazê-lo em conjunto com outras tarefas que tinha de desempenhar. E senti que tinha perdido a altura em que teria sido normal fazer o doutoramento e progredir na carreira académica. Há sempre necessidade de fazer escolhas ao longo da vida; para termos umas coisas, deixamos de ter outras. Hoje é algo para que olho com alguma distância e pena. Por isso, ter podido voltar muito

«Conseguiu-se algo raro e precioso: uma transformação profunda de duas instituições importantes para a sociedade portuguesa, com o objetivo racional de conseguir uma realidade que hoje é melhor para todos.»

«Durante gerações pensou-se que os filhos viveriam melhor do que os pais, e que isso seria indefinidamente assim. Hoje, sabemos que não é.»

mais tarde à Universidade trouxe-me uma emoção e um prazer especiais.

**ULISBOA** Foi ministra da Saúde e é presidente da Fundação Champalimaud. É um acaso a preponderância da área da saúde na sua vida?

**LB** Aconteceu o então primeiro ministro ter-me escolhido para ministra da Saúde: nunca disse que queria, antes pelo contrário. Quando saí do ministério da Saúde, pensei que essa fase da minha vida tinha terminado. Até que, um dia, o Sr. António Champalimaud me telefonou e perguntou se eu estaria disponível para presidir a uma fundação que ele ia criar em testamento. Em menos de um segundo, a minha vida mudou e vi-me a responder que sim, que estava profundamente honrada com essa escolha. Certamente que a minha experiência no ministério da Saúde foi e é importante para o que faço. Aprendi muito, mais do lado da prestação de cuidados de saúde do que da ciência – a Fundação Champalimaud presta cuidados de saúde para fazer progredir a investigação. Nunca tinha tido de tomar decisões sobre o que se estuda e onde se investe. Tinha pouca noção sobre a distância, que continuo a sentir, entre a ciência ligada à saúde e a prestação de cuidados; são dois mundos diferentes – que coexistem, aliás, no interior da ULisboa. Com a fusão, a Universidade passou a integrar áreas do conhecimento mais variadas. Agora, que sou responsável por uma entidade que pratica e quer praticar a multidisciplinaridade, compreendo por que é tão importante que a medicina e a engenharia estejam na mesma instituição. E tem sido relevante a ligação entre a ULisboa e setores da vida em sociedade – desde logo, a cidade de Lisboa. Mas também, na fase pela qual estamos a passar, a capacidade que teve de colocar as suas aptidões ao serviço da saúde para prestar serviços concretos. Acho que o senhor Reitor tem interpretado de maneira feliz a necessidade de inserção da Universidade numa comunidade mais extensa.

**ULISBOA** Admite sentir-se privilegiada

por pertencer a uma geração que era jovem no 25 de Abril. Os jovens de hoje pertencem também a uma geração privilegiada?

**LB** Espero que a democracia esteja estabelecida e não seja preciso outra geração passar por algo semelhante. A democratização aconteceu era eu assistente. Quase não havia mulheres assistentes, e tinha dificuldade em que percebessem que o era. E fui estudante numa altura em que mandavam as raparigas sentarem-se à frente e os rapazes atrás. Passámos por desafios e circunstâncias interessantes. Os jovens hoje vivem num mundo, apesar de tudo, mais incerto. Durante gerações pensou-se que os filhos viveriam melhor do que os pais, e que isso seria indefinidamente assim. Hoje, sabemos que não é. Mas é um mundo com aberturas inimagináveis no meu tempo. A tecnologia oferece vantagens enormes. O mundo, hoje, é mais pequeno. Não se pensava que fosse possível a tantos estudantes irem estudar fora do país, fazendo parte de uma comunidade mais vasta. A adesão à Europa, um processo difícil e complicado, aconteceu quando eu era membro do Governo. Estive presente na cerimónia de assinatura do tratado de adesão, um momento singular na minha existência. Os jovens acham que a Europa está garantida, não conhecem o suficiente sobre o que ganharam, e logo não percebem o que podem perder, numa altura em que tantos questionam a pertença à Europa. Há coisas que damos como adquiridas, mas que temos de acarinhar. Apetece-me dizer a quem é jovem que tenha os olhos abertos, que esteja atento ao que foi e pode deixar de ser, e que não pense que estamos nos fins dos tempos. Não contem com os mais velhos, da minha geração, para sermos quem puxa – é preciso que sejam os jovens a andar para a frente.

**ULISBOA** Assume-se feminista. Como vê os tempos atuais para a causa feminista?

**LB** Os efeitos da pandemia atingiram de forma mais intensa as mulheres, por se ficar em casa e por, em casa, ainda se estar lon-

ge de uma igualdade. Vejo como as jovens cientistas, mães de crianças pequenas, têm tido dificuldades para publicar, concorrer a financiamento, ou serem promovidas. Há dados que mostram as diferenças na percepção pública dos papéis de homens e mulheres. Posto isto, o mundo que existia quando eu estava na Faculdade não é o nosso. Já falei da Professora Isabel Magalhães Colaço. Eu via a sua singularidade: se olhasse para o país, para a Europa, para o mundo, tudo era dominado por homens. Hoje, três dos lugares mais importantes na Europa são ocupados por mulheres: o governo da Alemanha, a presidência do Banco Central Europeu e a presidência da Comissão Europeia. A presidente da Comissão Europeia exigiu paridade na comissão e emitiu regras para o financiamento de projetos, privilegiando aqueles com uma abordagem de sexo/género. Eu trabalhei profissionalmente na promoção dos direitos das mulheres, fui membro da Comissão da Condição Feminina, a atual Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. Uma das nossas grandes ambições era que existisse uma abordagem científica e académica às questões das mulheres. Hoje, isso existe, mas, até há pouco tempo, achava-se que não era assunto para se abordar em termos de conhecimento, ciência, ensino. Há outra alteração de importância. Quando as mulheres começaram a exercer cargos políticos ou empresariais de relevância, eram convidadas a ficarem caladas sobre isso, porque terem chegado ali já era suficientemente extraordinário. Hoje, as mulheres com poder são agentes de mudan-

ça, puxam pelas outras mulheres e consideram esse assunto politicamente relevante, merecedor do seu empenho.

**ULISBOA** Qual a sua posição em relação às quotas para a participação das mulheres em cargos políticos ou noutras instituições?

**LB** Sou a favor, quando são precisas. São um instrumento de mudança. Quando foram introduzidas na política e os partidos foram obrigados a apresentar listas compostas em função do sexo das pessoas, vivi intensamente essas modificações, na prática. Hoje, vê-se na Assembleia da República uma composição que, não sendo razoável, é melhor do que a que existia quando por lá andei. Foi preciso que cada estrutura partidária começasse a descobrir onde estavam as mulheres. Não é assim tão difícil...

**ULISBOA** Atingir a independência financeira ainda é mais difícil para as mulheres do que para os homens, nomeadamente devido às desigualdades salariais. Há uma relação intrínseca entre ter poder e ter dinheiro?

**LB** A dificuldade não é maior por causa dos salários; os salários são desiguais porque a dificuldade é maior. Na entrada no ensino superior e no alcance do sucesso universitário, as raparigas não encontram dificuldades. Encontram-nas quando procuram o primeiro emprego e percebem os preconceitos dos empregadores em relação às mulheres. É-lhes perguntado se querem ter filhos, uma pergunta ilegítima. As desigualdades salariais são consequência dessa outra discriminação. São os lugares de poder que se encontram em melhores condi-

ções de produzir modificações. As decisões não são as mesmas se nelas participarem homens e mulheres, ou apenas homens. Ou apenas mulheres. A diversidade gera riqueza, na perspetiva e nas soluções. A participação das mulheres é vantajosa para todos, é isso que a legitima, não apenas a igualdade de oportunidades. Na percepção pública, poder e dinheiro andam a par, e é preciso que as mulheres percebam que têm de pedir e querer isso. Têm de abandonar a ideia de que não se preocupam com essas coisas. Têm de se preocupar. Não é crime valorizarem as suas capacidades e dizerem que não continuarão a aceitar que as decisões sejam tomadas na sua ausência.

**ULISBOA** Existe paridade na Universidade de Lisboa?

**LB** Ainda não. Há um esforço razoável para que aconteça, mas as listas dos órgãos da Universidade e das suas Escolas mostram que estamos longe disso. Há um caminho de maior abertura e compreensão para que aconteça, e acho que será alcançado. Parece-me muito bem que se celebre o facto de a presidência do Supremo Tribunal Administrativo ser, finalmente, ocupada por uma mulher. A carreira da magistratura estava fechada às mulheres antes do 25 de Abril; todas as que entraram foi depois e, por isso, vão chegando mais tarde a muitos sítios.

**ULISBOA** Que obra, escrita por uma mulher, recomendaria às mulheres portuguesas?

**LB** Menciono um livro que li no Natal e de que gostei muito: *Mulheres da Minha Alma*, de Isabel Allende. •

«São os lugares de poder que se encontram em melhores condições de produzir modificações. As decisões não são as mesmas se nelas participarem homens e mulheres, ou apenas homens.»



# JOSÉ BARATA-MOURA

Professor jubilado da Faculdade de Letras e antigo reitor da Universidade de Lisboa, recebeu-nos no seu escritório, nas Edições Avante!, aonde chega todos os dias ao início da manhã. Quando entramos, diz-nos que as pilhas de livros e papéis espalhados por toda a parte são um pouco como a sua cabeça. Ao sairmos, compreendemos que uma entrevista é também uma forma de cultivo.

Fotografia © Ana Luísa Valdeira

«Não devemos reduzir a formação superior a um mero negócio, mas perceber a importância dos saberes para a qualidade de um viver social.»

**ULISBOA** Que memórias tem do tempo em que era reitor da Universidade Clássica de Lisboa?

**JOSÉ BARATA-MOURA** A memória, para mim, é um tema complicado. O mais importante da memória é a recordação do que ainda falta fazer. Não tenho habitualmente um olhar retrospectivo que me leve a dizer que algo foi muito bom ou muito mau. No entanto, é evidente que foram oito anos da minha vida pelos quais não se passa impunemente, nem de maneira incólume. Foram anos de intenso trabalho e profunda aprendizagem, algo que tenho de agradecer à Universidade.

**ULISBOA** Afirmou, quando era reitor, que as propinas eram uma forma encapotada de imposto sobre o consumo.

**JBM** No mundo contemporâneo, os saberes constituem um dos pilares da soberania. Só teremos uma coletividade preparada para responder, atuar e perspetivar o que quer que seja, se tivermos uma plataforma suficientemente ampla e densa de saberes. As universidades não são as únicas instituições do país que têm a cargo essa formação, mas são elas, no que respeita à sua função social, que o têm profundamente enraizado na sua missão. Não devemos reduzir a formação superior a um mero negócio, mas perceber a importância dos

saberes para a qualidade de um viver social. É nessa medida que provavelmente se justifica que os custos sejam assumidos pela própria instituição. E é evidente que isto coloca às universidades uma responsabilidade acrescida.

**ULISBOA** Poderá a relação entre a Universidade e os estudantes tornar-se de tipo mercantilista?

**JBM** Pode ter havido momentos, talvez nos anos 80 e primeira metade dos anos 90, em que a universidade foi permeável a um conjunto de ideias que povoavam a consciência social. Mais tarde, houve um grande debate internacional sobre este assunto, do qual tive a felicidade de fazer parte. As universidades sul-americanas tinham este problema muito presente, em consequência das disposições gerais da Organização Mundial do Comércio para o tratamento da universidade como uma instituição de transação de mercadorias, neste caso, saberes. A isto eu chamo a mercadorização do ensino. Não tem tanto que ver com a questão do mercantilismo, isto é, da relação comercial, mas com a transformação do saber em mercadoria. E, sobretudo, o mais grave, a transformação da criação do saber em mercadoria.

**ULISBOA** E em relação à cultura?

**JBM** Com certeza que os bens cultu-

rais podem funcionar como mercadoria. Vamos ao teatro, ao cinema, compramos um livro. Isto é uma coisa. Na sociedade em que vivemos, há lugar para aquilo a que chamamos indústrias culturais. Coisa bem diferente – e aí é que está o perigo – é quando a própria produção dos saberes é instrumentalizada para o que, num quadro capitalista, é fundamental: o lucro. O problema é a criação dos saberes ser feita em função de uma mercadoria.

**ULISBOA** Que opinião tem sobre o Processo de Bolonha e a forma como foi implementado?

**JBM** Em Bolonha foi decidido que a licenciatura, ou o primeiro ciclo do ensino superior, tinha de ter, pelo menos, três anos. Este «pelo menos» é o fundamental. É concebível e justificável que, em determinadas áreas, possa haver uma formação séria e competente que tenha três anos. A ideia de que em toda a Europa havia unicamente três anos para o primeiro ciclo foi um mito que se pôs a circular. A operação foi montada com base neste mito. Foi um disparate não se ter tido a perceção de que não é possível uma formação básica restringida a três anos, em determinados domínios do saber. Há limites no que diz respeito à capacidade de assimilação dos saberes, nomeadamente o tempo que é

«Na altura em que andava nas cantigas, e já era professor catedrático, costumava dizer que descansava de uma coisa fazendo outra. É o distúrbio e o desarranjo da minha vida.»

necessário para pensar, digerir e amadurecer, para se ter uma formação de base com uma certa solidez.

**ULISBOA** Tem também uma visão crítica sobre o Regime Jurídico das Instituições do Ensino Superior (RJIES).

**JBM** Falando de forma abrupta, este regime não foi feito para melhorar a transparência nem a qualidade das instituições de ensino superior, mas para trazer para dentro delas toda uma série de dificuldades e trapalhadas, desde a constituição dos júris até às outras formas de organização. Não podemos dizer que o normativo do RJIES contemple soluções práticas que sejam válidas, a não ser para aumentar a confusão.

**ULISBOA** Na sua altura, o reitor não era eleito pelo Conselho Geral.

**JBM** Essa é outra questão central – uma questão que os membros mais perspicazes dos governos perceberam. Continuo a pensar que é importante que o reitor seja eleito pela universidade. Com certeza que se pode encontrar um sistema de equilíbrios, não digo que tenha de ser cada cabeça um voto. No sistema que tínhamos, havia um balanço entre os diferentes corpos. Este sistema tinha duas vantagens. Por um lado, o reitor tinha outro peso atrás de si, que lhe colocava outra responsabilidade, pois era perante toda a comunidade que tinha de assumir as suas posições e procurar, com o Senado, as linhas fundamentais de orientação da universidade. E, por outro, a universidade, para eleger o reitor, tinha de refletir mais sobre si própria; cada um dos

seus membros sentia-se mais participante na construção de uma superestrutura dirigente da universidade. Não sou saudosista, nem quero com isto dizer que no meu tempo é que era bom. O que estou a dizer é que há sistemas que são mais responsabilizados para todos.

**ULISBOA** No discurso que fez há pouco tempo na apresentação do livro *Nos Horizontes da Razão*, em sua homenagem, começou por cumprimentar o Padre Cerqueira Gonçalves, com quem manteve um forte diálogo profissional no Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras.

**JBM** Comecei a minha ligação com a Universidade de Lisboa em 1965, e o Padre Cerqueira Gonçalves foi um dos professores que mais me marcaram. Isto não quer dizer que não tivéssemos tido discussões enormes. Mas existia uma larguíssima convergência quanto às linhas mestras do que é um departamento de filosofia, ou mesmo do que é o funcionamento de uma universidade. Acho que tínhamos ambos um grande sentido de escola. Fiquei muito sensibilizado por ele ter aparecido na cerimónia.

**ULISBOA** Benedetto Croce escreveu *Cioè che è vivo e cioè che è morto della filosofia di Hegel*. Se substituíssemos Hegel por Marx, que responderia?

**JBM** Em relação a Hegel, a Marx, e a qualquer autor de filosofia, onde está a vida? Na capacidade de interpelação, para outras gerações e outros tempos. O que faz um pensamento vivo? Não é, como por

vezes se imagina, que certo autor era um génio, um bruxo, um adivinho, um visionário. É que ele foi de tal maneira penetrante, que, estando nós de acordo com ele ou não, num tempo que já não é o dele, podemos continuar a ser interpelados pelo seu pensamento. Nesse sentido, não estou de acordo com a formulação do Benedetto Croce. O Aristóteles recuperado pelos árabes não é o mesmo que foi recuperado pela Idade Média, ou aquele que no aristotelismo paduano do século XVI é tomado até aos nossos dias. Da mesma maneira, a interlocução com os outros pode ser enriquecedora, não porque vamos lá buscar receitas, mas porque o que disseram pode ter um potencial de interpelação – que não se nos substitui no trabalho que temos de fazer para o nosso tempo e os nossos problemas.

**ULISBOA** Quando um filósofo é grande, nada está morto na sua filosofia?

**JBM** Os chamados «erros» muitas vezes correspondem ao que era o estádio de desenvolvimento do saber num determinado tempo. Seria tonto imaginar que a física quântica vai atirar Newton de cangalhas. Fui buscar este exemplo para vermos que isto não tem só que ver com o domínio das letras ou da filosofia.

**ULISBOA** É o socialismo científico? Se sim, como vê a dissolução dos projetos postos em prática que daí decorreram?

**JBM** Vamos com calma. A ideia de um socialismo científico, e o apelo à ciência como fundamentação do socialismo, encontramos em todas as páginas do chamado

socialismo pré-marxista. Saint-Simon reclama-se da ciência, e Fourier, e Owen, e *tutti quanti*. Com uma diferença relativamente a Marx. Para muitos, reclamar-se da ciência significa que há um carimbo que diz «isto é científico, portanto, não tem de se discutir mais»; é uma posição marcada por um certo cientismo positivista, oitocentista, que ainda hoje circula. Mas há um outro conceito de ciência: o conceito grego, filosófico, de *episteme*, a ciência como um saber fundamentado. Com doutrinas completamente diferentes, é a isso que Platão e Aristóteles chamam ciência, e, ainda de outra maneira, é a isso que Hegel chama *Wissenschaft*. Quando Marx fala de ciência, é neste sentido, da procura de um saber fundamentado, não da exibição de um selo de garantia ou de uma proteção contra o que é necessário estudar. A tradução de «socialismo utópico» e de «socialismo científico» aparece em Lafargue, porque o texto de Engels, traduzindo já, é «o socialismo da utopia à ciência». O carácter científico tem tecnicamente que ver com uma coisa que Marx e Engels vão buscar a Hegel, o sentido da *Zusammenhang* – da «conexão» –, de um todo articulado, fundado. Nas ideias que hoje circulam, as pessoas estão mais interessadas em saber se é ou não científico; e, se for científico, ficam descansadas. Mas a ciência não é para descanso.

**ULISBOA** E quanto à segunda parte da questão?

**JBM** Se calhar um dos problemas foi alguém ter imaginado que os projetos eram decorrentes de uma coisa que estava defi-

nida, o «socialismo científico». A meu ver, isso não corresponde à posição de Marx e de Engels. Se queremos transformar a realidade, temos de continuar a estudar a realidade, a perceber como é que ela se tece e se entretece. Não era essa a ideia de Marx e de Engels para um projeto socialista, ter num livrinho tudo muito bem definido, que depois se vai «aplicar».

**ULISBOA** Hegel é considerado um filósofo difícil por muitos estudantes. Tem essa percepção enquanto professor?

**JBM** Com certeza que é difícil, mas Aristóteles também, e São Tomás de Aquino, e Espinosa. Simplificando muito: há uma especificidade das linguagens filosóficas que, para quem não treine ou não estude, se a compararmos com as ferramentas que utilizamos na nossa linguagem quotidiana, pode parecer intransponível. Para mim, que não sou praticante das artes «internéticas», há termos que, quando os ouço, me parecem mais difíceis do que a *Crítica da Razão Pura* ou a *Fenomenologia do Espírito* [Risos].

**ULISBOA** Foi compositor e cantor de canções infantis e de intervenção, professor de filosofia, reitor da Universidade de Lisboa, deputado do Parlamento Europeu, é militante do Partido Comunista. O que melhor o define?

**JBM** Voltamos ao princípio. Para o bem e para o mal, sou tudo isso e outras coisas. Mesmo na altura em que andava nas cantigas, e já era professor catedrático, costumava dizer que descansava de uma coisa fazendo outra. É o distúrbio e o desarranjo

da minha vida. Mas não é assim só comigo. Faz parte da diversidade do que cada um de nós é. É assim que vamos procurando interpretar o que é a nossa destinação, que é dar forma ao conteúdo do nosso viver.

**ULISBOA** A canção continua a ser uma arma?

**JBM** A canção política de intervenção direta continua a ter o seu lugar, porque é não apenas uma forma de refletir uma movimentação em curso, mas também de a perspetivar. No caso das cantigas para crianças, é preciso uma grande disponibilidade de entrega para a conversa e para a brincadeira. Com a complexidade da vida e com a velhice, isso vai-se perdendo. Foi também por isso que deixei de o fazer.

**ULISBOA** Qual pode ser o papel da cultura na sociedade?

**JBM** O papel da cultura, em qualquer sociedade, é muito importante. Por um lado, é uma sedimentação da experiência pensada dos outros; por outro lado, não há cultura sem cultivo. A cultura não é apenas património, não é ter as prateleiras forradas de «cultura». A cultura tem de estar acessível, mas é fundamental que a apetência pela cultura seja promovida.

**ULISBOA** Como se pode estimular o cultivo?

**JBM** Nós estamos aqui num ato de cultivo. As coisas de que estamos a falar passaram dentro da vossa cabeça e do vosso coração nas perguntas que fizeram; imaginem que nas respostas que vos dei, também. Esta atitude de cultivo é a nossa vida, o nosso viver. •

«A interlocução com os outros pode ser enriquecedora, não porque vamos lá buscar receitas, mas porque o que disseram pode ter um potencial de interpelação – que não se nos substitui no trabalho que temos de fazer para o nosso tempo e os nossos problemas.»

# AS HISTÓRIAS DE ESTUDANTES CIGANOS NA ULISBOA

O equilíbrio social entre as pessoas ciganas e a sociedade maioritária depende em grande medida da igualdade no acesso à educação. A sua participação académica tem sido historicamente baixa, mas, nos últimos anos, o número de estudantes ciganos no ensino superior tem vindo a crescer, graças a diversas iniciativas desenvolvidas pela sociedade civil e a políticas públicas recentemente lançadas. Falámos com três *alumni* e dois estudantes sobre as suas experiências de vida e o seu percurso na Universidade de Lisboa.



«Não sabemos quantos ciganos existem em Portugal, e por preconceito, por haver quem entenda que procurar saber quantos somos e como vivemos já é um ato discriminatório.»

Carlos Miguel

**C**ARLOS MIGUEL é Secretário de Estado Adjunto e do Desenvolvimento Regional do XXII Governo Constitucional. Nasceu e cresceu em Torres Vedras, onde reside, e é licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa.

Começa por dizer que teve um percurso escolar pouco comum. Após a instrução primária, foi para a escola industrial, onde fez os cinco anos do curso de serralharia. Pouco depois do 25 de Abril, resolveu fazer o 6.º e o 7.º anos do liceu. Aos 17 anos teve o primeiro contacto com matérias como filosofia ou psicologia, ausentes dos cursos técnicos. Pensou formar-se em educação física, pois sempre praticou desporto, mas acabou por pôr psicologia em primeiro lugar e direito em segundo: «Não entrei em psicologia por uma unha negra.» Ingressou na Faculdade de Direito em 1977, tendo concluído o curso em 1983. Confessa que os anos universitários não foram os mais felizes, em parte pela mudança para Lisboa, e em parte pelo individualismo e competitividade que sentiu na Faculdade. Nos últimos dois anos do curso, as coisas melhoraram. Enquanto a maioria dos estudantes escolhia a especialização em Ciências Jurídicas, Carlos Miguel optou por Ciências Jurídico-Económicas. Num grupo restrito, com cerca de 20 pessoas, foi possível ter uma experiência universitária

«mais sã, fraterna, solidária». Só nos últimos anos do curso é que partilhou com os colegas a ascendência cigana.

O pai era de etnia cigana, a mãe, não. O pai sabia ler e escrever, tendo feito a 4.ª classe ao mesmo tempo que o filho, com o propósito de tirar a carta de condução, importante para o negócio da venda do calçado em feiras. A mãe trabalhava numa adegas cooperativa, a engarrar vinho. Os avós de Carlos Miguel foram os primeiros ciganos a chegar a Torres Vedras, e quer o pai quer os tios eram muito queridos na sociedade torriense: «Sempre fui conhecido em Torres Vedras como o filho do Carlos cigano, e essa referência nunca foi estigmatizante para mim, mas meramente identificativa.» Como a maioria dos pais, os seus queriam uma vida melhor para os filhos. Havia a ambição, em particular da mãe, de os filhos virem a ter um curso superior, garante de melhores oportunidades de vida. Carlos Miguel fez bom uso da possibilidade que lhe foi dada: exerceu advocacia até 2001, fez parte da Assembleia Municipal de Torres Vedras durante 16 anos e, de 2004 a 2015, foi presidente da Câmara Municipal. Deixou a autarquia quando foi convidado para integrar o XXI Governo, como Secretário de Estado das Autarquias Locais. No atual cargo,

no âmbito da coesão territorial, trabalha na aplicação dos fundos comunitários às cinco regiões do país, tendo também como missão a valorização do interior.

Quando o interrogamos sobre a integração das comunidades ciganas, admite ter perdido algum otimismo. Diz que não se esquece de um título de jornal sobre o primeiro governo de que fez parte: «Costa chama cega e cigano para o governo.» Crê que ainda há muito a fazer para acabar com o racismo. E dá um exemplo: «Não sabemos quantos ciganos existem em Portugal, e por preconceito, por haver quem entenda que procurar saber quantos somos e como vivemos já é um ato discriminatório. Calcula-se que sejamos 40 000 ou 50 000. Para resolver o problema da integração destas pessoas, dispersas pelo país, teríamos de criar programas de discriminação positiva e olhar para os bons exemplos. Por que razão algumas comunidades ciganas estão bem integradas e nunca houve problemas com elas? E por que não se replicam estes bons exemplos?»

No entanto, aos 64 anos, Carlos Miguel vê com alegria o número crescente de jovens portugueses ciganos no ensino superior, que trabalham «para uma melhor integração e um reconhecimento da etnia cigana, mantendo a diferença e a integridade».

© Karen Ferreira



**PIMÉNIO FERREIRA** é um destes jovens, tendo feito a licenciatura e o mestrado em Engenharia Física, na Faculdade de Ciências. Conta-nos que desde pequeno sentiu uma grande paixão pela física e pela engenharia, mas não lhes dava esses nomes – dizia que queria ser inventor. Depois do mestrado, prosseguiu como investigador. O seu último projeto foi no Instituto de Biofísica e Engenharia Biomédica, e está agora à procura do próximo. Tem 34 anos e é natural da Ericeira, terra onde vive e pela qual nutre um carinho que se torna evidente ao longo da nossa conversa. O seu percurso escolar no ensino básico e secundário foi feito com o apoio de bolsas de mérito, conquistadas pelas suas boas notas. Chegado ao ensino superior, concorreu às bolsas dos Serviços de Ação Social da ULisboa e a um programa de financiamento da Junta de Freguesia da Ericeira. Se, de início, os pais mantinham uma atitude cética em relação à prossecução dos estudos, o seu apoio foi-se tornando mais ativo, em particular por parte da mãe.

**FRANCISCO AZUL** é outro dos jovens que tivemos o privilégio de conhecer. Com quatro irmãos, é o primeiro da família a ter entrado para a universidade. Tem 28 anos e, no dia em que falámos, o seu filho completava um ano e meio.

Entrou no ISCSP em 2014, na licenciatura em Serviço Social, em regime pós-

Na Faculdade, apresentou-se desde o início como cigano: «É difícil chamar-me Piménio e não ter uma história.» Sentiu-se lá sempre bem e diz que foi das melhores experiências do seu percurso. Foi também na Faculdade que se tornou ativista. Atual dirigente do SOS Racismo, participa em colóquios e seminários, e vai a escolas falar sobre o anticiganismo e a história dos ciganos: «Parte da minha ação militante é denunciar a violência policial racista e o problema da habitação. 80 % das pessoas ciganas não podem escolher onde vivem. Estão reféns de nomadismo forçado, da autoconstrução ou de bairros sociais. Estão excluídas quer do mercado privado da habitação, quer de políticas públicas que garantam uma habitação condigna. Vivemos num *apartheid* territorial.»

Para nos explicar a gênese do anticiganismo, Piménio expõe as circunstâncias históricas de uma opressão constante. Começa por dizer que a Europa moderna se construiu com base numa identidade de raça branca superior: «Em 1500, o principal contraexemplo da identidade branca é o cigano. O cigano é o selvagem e o branco, o civilizado; a mulher cigana a libertina, e a mulher branca branca, a caseira e casta. Isso muda com a Revolução Francesa. Agora, a mulher cigana é a oprimida, e a mulher branca, a liberal.» Este antagonismo, explica, não existia quando os grupos romani chegaram à Europa, no início do século xv, tendo surgido com medidas implementadas pelas cortes europeias. Os

-laboral. Optou por este curso porque já na escola secundária começou a tomar forma um dos seus objetivos de vida: ajudar as pessoas através da intervenção social, aliada ao desporto. No ISCSP, Francisco foi contando a alguns colegas, e até a professores, que era de etnia cigana: «Os meus colegas iam notando que a minha vivência

ciganos ficaram impossibilitados de constituir família, de ter propriedade, língua e religião próprias: «Demonizaram as pessoas ciganas para lhes retirarem identidade e qualquer tipo de direito de propriedade, política, material ou económica.» Destaca ainda o papel dos média no século xx na construção de uma mensagem massificada contra os ciganos. Está convicto de que estas circunstâncias acabaram por gerar uma estrutura institucional anticigana que perdura até hoje.

Piménio insurge-se contra aquilo a que chama *smurfismo*, a tendência para colocar os ciganos numa imagem fechada, definida, retirando-lhes a personalidade individual e a heterogeneidade: «Chamam-nos ciganos e esquecem-se que somos pessoas.» Declara abominar os termos «comunidades», «integração», «inclusão», «tradição» e «cultura cigana», forjados pela academia branco-cêntrica: «Prefiro falar sobre as condições em que vivemos por motivos históricos, políticos, económicos e sociais.» Quando perguntamos o que poderia ser feito para mudar esta realidade, a resposta, séria e provocadora, é: «Uma revolução!» Explica que, sendo o racismo «um sistema político implementado pelos Estados etnonacionalistas europeus, as pessoas reproduzem posições racistas porque foram educadas por esses Estados. Seria necessário mudar o Estado e a sua forma de atuação. Teriam de se implementar políticas indemnizatórias ou políticas de ação afirmativa que não discriminam pessoas racializadas».

tinha sido um pouco diferente da deles.» Afirma ter tido sempre o apoio de amigos, colegas e professores, e que era até dos mais participativos nas aulas. No segundo ano da licenciatura, esteve na organização da 1.<sup>a</sup> Conferência sobre Jovens de Etnia Cigana no Ensino Superior, na qual se pretendia dar a conhecer as experiências de

jovens ciganos que prosseguiram estudos no ensino superior e entraram no mercado de trabalho.

Francisco diz pertencer à primeira geração em que todos frequentaram a escola, tenham concluído o 4.º, o 9.º ou o 12.º ano de escolaridade. Natural do Barreiro, e com origem alentejana da parte do pai e da mãe, vivia até há pouco tempo num bairro social. Queria ser jogador de futebol, como muitos jovens da sua idade, e não via a escola como um objetivo a longo prazo: «O campo de visão e os objetivos de quem vive num bairro social não são os mesmos de quem tem pais que foram para a univer-

sidade.» Não hesita, porém, em atribuir à educação que teve, virada para a autonomia, e com grande sentido comunitário, algumas das melhores qualidades profissionais que em si identifica.

Em 2018, depois de ter acabado o curso, Francisco tornou-se técnico do Núcleo de Apoio às Comunidades Ciganas, do Alto Comissariado para as Migrações (ACM), organismo que tem como função executar políticas públicas no âmbito dos refugiados, dos migrantes e das comunidades ciganas. Nos últimos anos, tem dado formação em história e cultura cigana a escolas e entidades como a Direção-Geral de Rein-

serção e Serviços Prisionais, a Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens, ou a Segurança Social. É importante que as instituições e os técnicos que trabalham com pessoas ciganas saibam que existem comunidades diversas: «É importante conhecer a história e o percurso das comunidades ciganas em Portugal, que, infelizmente, estão alguns anos atrás, fruto de um contexto histórico que tem de ser conhecido. E tem de haver abertura de um lado e de outro. É um trabalho geracional.» Francisco acredita que possam surgir soluções boas para o futuro dos portugueses ciganos, que têm de



ganhar consciência política – e isso só será possível com a escolarização.

No que se refere à educação, Francisco destaca dois projetos direcionados para o financiamento e a formação das comunidades ciganas. O mais recente é o ROMA Educa, lançado o ano passado, que atribui bolsas de estudo para o apoio à frequência e permanência no ensino secundário a estudantes ciganos. Antes deste, em 2014, a Associação Letras Nómadas e a Rede Portuguesa de

Jovens para a Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens lançavam um projeto-piloto para a promoção do ingresso de jovens ciganos no ensino superior. Dois anos depois, este projeto foi adotado pelo ACM que o transformou numa política pública, em parceria com as associações que o haviam lançado na sociedade civil. Trata-se do Programa Operacional para a Promoção da Educação (OPRE) que atribui bolsas de estudo universitárias a estudantes ciganos

que pretendam ingressar no ensino superior ou já o frequentem, ao mesmo tempo que promove formação, tutoria e acompanhamento dos jovens bolseiros e respetivas famílias. O nome do programa deriva da palavra «opré» que, na língua romani, idioma de origem das pessoas ciganas, quer dizer «erguei-vos». E foi o que fizeram dezenas de estudantes ao abrigo das edições deste programa: ergueram-se e decidiram prosseguir os seus estudos na universidade.

**BRUNO PINTO**, no 3.º ano de Serviço Social, no ISCSP, é um deles. Diz-nos que o OPRE foi fundamental para o desenvolvimento da sua vida académica. Antes de entrar no programa, sentia-se sozinho porque não conhecia mais ninguém no ensino superior: «O programa ajuda-me a nível financeiro e também a perceber que não estou isolado, que existem mais pessoas ciganas a estudar, e que têm os mesmos problemas e dúvidas que eu.» As dúvidas de Bruno eram muitas, ao início. Conta-nos que a sua entrada na faculdade foi um choque. Estava habituado ao ensino secundário, em que tirava boas notas, mas quando chegou à faculdade não sabia bem como tudo funcionava.

Hoje sabe, sabe o que é a faculdade, e sabe muito bem o que quer fazer quando terminar o curso: «Quero fazer trabalho comunitário. Quero trabalhar com as comunidades ciganas.» O primeiro passo é promover a educação. Tentar que mais ciganos cheguem ao ensino superior. Bruno quer demonstrar que a universidade lhes permite alargar os horizontes e conhecer melhor o mundo que os rodeia. Quer dizer-lhes que existe uma realidade além da que conhecem, que existe trabalho para além das feiras e de outras formas de comércio. O segundo passo é tentar combater o preconceito: «Existem ideias preconcebidas de que os ciganos são ladrões, que só sabem receber o



© Acervo pessoal

Rendimento Social de Inserção (RSI). Quero combater estes preconceitos, quero combater o racismo. Quero difundir a realidade da tradição cigana, que tem vindo a mudar ao longo do tempo. Hoje é mais evoluída, mais respeitadora dos direitos humanos.»

Conta-nos que tem assistido a vários comportamentos preconceituosos, também na universidade. Quando são os colegas a falar, Bruno tenta discordar, mas, quando são

os professores, não se atreve. Tem vontade de responder, mas acaba por não o fazer, com medo de que o prejudique. Do que vai ouvindo, percebe que muitos concluem que se um cigano faz alguma coisa de errado, então todos os ciganos são assim: «Como em todas as comunidades, há pessoas boas e más. A sociedade, infelizmente, tende a tomar a parte pelo todo. Quero que deixem de pensar que, por sermos ciganos, podemos

ser tratados de maneira diferente. Sou cigano, mas isso não quer dizer que não possa estudar, que não possa ter um trabalho, que não possa ter uma vida normal como outra pessoa qualquer. Sou cigano, mas também sou português. Tenho os mesmos direitos que todos os portugueses.»

Quando lhe perguntamos o que tem mudado ao longo dos anos nas comunidades ciganas, Bruno explica-nos que os valores fundamentais se têm mantido, embora considere que a mudança mais significativa tenha sido

o fim do casamento arranjado: «Hoje, esta situação é muito rara. As mulheres ciganas já podem casar com quem quiserem. O mesmo se passa na escola. Todos os jovens, mulheres ou homens, escolhem se querem ou não continuar os estudos.» Diz-nos ainda que as comunidades ciganas são diferentes. Considera que as de Lisboa e Porto já evoluíram bastante, e que as do Algarve, Alentejo e interior, ainda não: «É preciso intervir junto dos mais velhos. Os pais têm de perceber que os filhos podem ter outras oportunidades. Não

basta trabalharmos com as crianças, incentivando-as a estudar, para depois os pais não aceitarem. Primeiro, temos de consciencializar os pais sobre a importância da educação, sobre o que é a universidade, sobre o que é estudar. Partindo disto, trabalhamos com as crianças para construirmos algo melhor para o seu futuro.»

Bruno é o primeiro da família na universidade, um orgulho para todos os que o têm apoiado. Tem dois irmãos mais novos e espera que eles sigam os passos do mais velho.

---

**SOFIA**, nome fictício, também entrou na Universidade de Lisboa ao abrigo do programa OPRE. Está a frequentar o curso de Direito. Aceitou o nosso convite porque acha importante falar sobre o tema, mas escolheu manter o anonimato. Prefere não revelar as suas origens, pois sente que muitas portas se poderiam fechar. Não lida bem com a discriminação e, por isso, decidiu adotar uma espécie de armadura que a protege do preconceito: «Tento resguardar-me, para que as pessoas possam formar uma opinião sobre mim sem me catalogarem. Se disser que sou cigana, vou passar a ter um rótulo na testa.»

Sofia tem 19 anos, é alentejana e filha de pai cigano e mãe não cigana. Segue a cultura da mãe, embora conviva bem com a família paterna. Estava, quando conversámos, a passar o confinamento em casa dos avós paternos. Tem três irmãos da parte do pai que são ciganos, e dois da parte da mãe não ciganos. Todos estudam, à exceção do irmão mais velho, que já terminou o 12.º ano. A família sempre a ajudou, tanto de um lado como do outro. Destaca a mentalidade aberta do pai, que quer que todos os filhos estudem e tenham perspetivas melhores para o futuro. Salienta também a atitude da avó paterna, de 59 anos, que sempre lhe disse «estuda e faz-te alguém». Considera, no entanto, que esta não é a mentalidade

de muitas pessoas mais velhas dentro das comunidades ciganas. Durante o percurso escolar, há quem critique e diga: «A menina já é muito velha para estar na escola e vai começar a namorar com os outros meninos que não são ciganos. Devias tirá-la da escola.» Segundo Sofia, estes conselhos são dados por quem não entende a importância da educação. As críticas acontecem na altura em que uma jovem cigana frequenta a escola ou a universidade, mas depois dissipam-se: primeiro, podem desaprovar, mas, no final, orgulham-se.

Quando nos fala do preconceito que persiste na sociedade, recorda algumas situações na faculdade. Várias vezes ouviu de colegas falarem dos ciganos em tom depreciativo, desconhecendo que se encontravam na presença de uma. Nessas alturas, Sofia tenta desconstruir a opinião dos colegas, evidenciando que os ciganos não são todos iguais. Quando lhe perguntamos por que razão não revela as suas origens nessas conversas, explica-nos que se pode combater por uma causa sem se fazer parte dela. Acha que pode defender bem os ciganos sem ter de se dar como exemplo: «Vim de um meio onde toda a gente sabe quem sou. Agora que estou a estudar em Lisboa, quero construir a minha própria imagem. No Alentejo, sou a rapariga que estuda e que é meia cigana. Mas não quero ser vista de

forma diferente, quero igualar-me aos outros. Eu não sou diferente das minhas colegas que não têm um pai cigano, sou igual.»

Igualdade é a palavra que Sofia mais enfatiza. Fala-nos não só do desequilíbrio social entre ciganos e não ciganos, como também entre homens e mulheres. Acha que o machismo existe em toda a sociedade, mas sente-o mais presente em algumas comunidades ciganas. Conta-nos que, nestas, os rapazes podem sair, beber, fumar, namorar com pessoas fora da comunidade, mas as raparigas, não: «Em algumas comunidades, a mulher cigana serve para cozinhar e procriar, pouco mais. Eles podem tudo e as mulheres não podem nada.» Adora a cultura cigana, mas não concorda com as ideias machistas e retrógradas que ainda predominam: «Se as mulheres ciganas se resumem a nada, eu almejo ser tudo e conquistar tudo. Faço-o por mim, mas também pelas mulheres que nasceram unicamente para serem futuras mães e esposas, e que não poderão realizar as suas ambições.» Sofia está a realizar o seu sonho: estudar Direito. Para ela, a afirmação da mulher cigana passa sobretudo pela educação. Vê a universidade como uma alavanca para o sucesso. Não sabe ao certo o que quer fazer depois de terminar o curso, mas pensa seguir advocacia. Ainda tem uns anos pela frente para decidir o seu futuro. •

A portrait of Filipa Lowndes Vicente, a woman with dark hair pulled back, wearing a white turtleneck sweater and large, ornate silver earrings. She is looking directly at the camera with a neutral expression. The background is a bookshelf filled with books of various colors.

# FILIPA LOWNDES VICENTE

É investigadora e subdiretora do Instituto de Ciências Sociais. Recebeu-nos em sua casa, num dia de chuva e céu baixo. Falou-nos dos cruzamentos profícuos entre acontecimentos de vida e objetos de estudo; e do que mudou, e é preciso ainda mudar, para que a universidade seja um lugar com assento feminista, e feminino.

**U LISBOA** Começou os estudos em Portugal e continuou em Inglaterra, Estados Unidos e Itália. Sair foi uma opção ou uma necessidade?

**FILIPA LOWNDES VICENTE** Ambas. Dos 10 aos 14 anos vivi com a minha família em Madrid. Ao regressar a Portugal, pensei logo em voltar a sair. Gosto da experiência de ser estrangeira, de ser obrigada a estar mais alerta, a ter de fazer um esforço. Fiz a licenciatura na Universidade Nova, em História, variante História da Arte, e queria estudar História da Arte Contemporânea. Isto aconteceu na era pré-internet, e fui ao Instituto Britânico consultar uma lista dos cursos em Inglaterra. A minha mãe é inglesa e era um lugar familiar, para onde ia trabalhar nas férias do verão e onde comecei a interessar-me por museus. Fiz uma pós-graduação e percebi que não me chegava. Entrei num programa de doutoramento e fiz uma viragem para a História cultural e intelectual. Da História da Arte ficou-me o interesse pela História feita por diferentes documentos – escritos, fotografias, gravuras.

**ULISBOA** O que a conduziu ao estudo do orientalismo?

**FLV** Antes disso, queria explorar, na tese de doutoramento, as ligações culturais, intelectuais e artísticas entre Portugal e Inglaterra nos séculos XIX e XX. Enquanto historiadores, somos ensinados a afastar-nos do objeto de estudo, mas interessa-me cada vez mais os cruzamentos entre biografia e bibliografia. A tese restringiu-se às viagens de D. Pedro V na Europa, mas já possuía aspetos que viriam a ser importantes no meu trabalho, como o momento em que se abrem museus de todo o tipo, e se

trazem objetos, animais, plantas, e até pessoas, de todo o mundo, para serem exibidos. Há a ideia de não apenas lermos sobre a História, mas de a vermos. A viragem do meu interesse para a Índia foi um acaso. Vi o anúncio de uma bolsa da Fundação Oriente, queria trabalhar sobre exposições, e adaptei o projeto à Ásia. Percebi que era Goa que me interessava, enquanto espaço colonial na segunda metade do século XIX. Entretanto, fui viver para Florença, e pensei: «O que estou eu a fazer aqui a trabalhar sobre a Índia?» Mas, quando estamos atentos a um assunto, descobrimo-lo nos lugares mais imprevisíveis: Goa surgiu-me em Florença. Sob a Florença do Renascimento, tão poderosa e a que é tão difícil fugir, estava uma Florença que havia sido um centro de estudos sobre a Índia, com um museu indiano, um departamento de estudos e várias publicações periódicas sobre a Índia.

**ULISBOA** No currículo faz questão de mencionar que tem duas filhas. Porquê?

**FLV** É uma parte importante da minha história e tornou-se um tema que me interessa. Ter filhas levou-me a estar atenta ao modo como o parto e a maternidade são diferentes em cada país e à circulação do conhecimento médico. Comecei a ler o que tinham escrito antropólogos, historiadores e médicos. E comecei a investigar mulheres artistas que trabalham sobre o parto e a maternidade.

**ULISBOA** Escreveu que, quando entrou na universidade, na década de 90, não tinha consciência de como o que lhe era transmitido era indissociável de uma sociedade dominada pelo masculino em todas as esferas, incluindo nas universidades. Hoje ainda acontece?

«A ilusão de que o conhecimento circula facilmente pode induzir em erro. Só estamos preparados para ver o que nos ensinam a ver.»

«O poder do conhecimento transmitido pela universidade é tão grande que não somos capazes de desconstruir de imediato.»



«Todos os dias podemos ter gestos feministas. Tudo aquilo que implique igualdade entre homens e mulheres é um gesto feminista.»

**FLV** Só estamos preparados para ver o que nos ensinam a ver. Fiz a licenciatura sem me aperceber de que no que me era transmitido havia uma inexistência de mulheres, quer fossem artistas ou personagens históricas, e a ausência de uma abordagem de género. Eu, que na altura achava que tinha uma consciência feminista, não fui capaz de ver isso. O poder do conhecimento transmitido pela universidade é tão grande, que não somos capazes de o desconstruir de imediato. Por isso é tão importante que o ensino nos dê os instrumentos para o desconstruirmos. No contexto académico inglês, norte-americano e brasileiro, os temas de género estão disseminados por todas as áreas do conhecimento. Aqui, continuam à margem, em pessoas e departamentos específicos. É preciso que todos os que transmitem conhecimento integrem esse olhar. Este mês [fevereiro] inaugura a primeira exposição alguma vez feita em Portugal sobre mulheres artistas portuguesas. Está a acontecer em 2021. É organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian e será inaugurada em Bruxelas, no âmbito da presidência portuguesa da União Europeia. Nos anos 70, houve uma pequena exposição chamada *Artistas Portuguesas* na Sociedade Nacional de Belas-Artes, mas foi uma iniciativa marginal. O facto de esta exposição acontecer por uma fundação de prestígio é o que a torna diferente. Sempre houve iniciativas marginais: as três Marias escreveram as *Novas Cartas Portuguesas* em 1972, mas as minhas filhas não estudam essa obra no liceu. Temos de pensar o que é o conhecimento generalizado, canonizado, e o conhecimento marginal.

**ULISBOA** O cânone artístico começou a ser questionado apenas em 1970 e em particular nos países anglo-saxónicos. Porquê?

**FLV** Nesses anos há uma politização destas questões. Portugal também passava por transformações políticas com profundas revoluções do estatuto jurídico e social das

mulheres, mas sem consequências na academia, creio que por persistirem preocupações básicas, com a igualdade jurídica ou a possibilidade de se sair do país sem ser necessária autorização do marido. Nos Estados Unidos, nesta altura, as mulheres acedem à academia, o que é relevante. Nem todas as mulheres académicas estão mais atentas a questões de mulheres, mas é quando as mulheres entram em força nas instituições culturais e académicas que estas questões passam das margens para lugares mais centrais da produção de conhecimento. No século XIX já havia mulheres a denunciarem discriminações, a questionarem o porquê de lhes ser barrado o acesso a escolas de Belas-Artes apenas por serem mulheres. Em Inglaterra, só nos anos 20 as mulheres entram pela primeira vez na universidade. É apenas quando as pessoas estão em lugares onde têm voz, onde têm poder, que podem fazer escolhas. Cresci num mundo, e as minhas filhas continuam a crescer nesse mundo, em que a voz dominante é masculina. Por isso é que as questões de representatividade e visibilidade são importantes.

**ULISBOA** Cabe às mulheres falar de outras mulheres? É essencial um discurso feminino, além de feminista?

**FLV** A entrada de textos escritos por mulheres na universidade não tem necessariamente de ser feita por mulheres. Existem até mulheres na academia que sentem necessidade de se afastar das questões de género, porque ainda existe um estigma em relação a estes temas e um estatuto de inferioridade destes assuntos face a outros. As convenções académicas prezam mais os temas que fazem parte de uma cultura patriarcal. Acho importante os professores universitários homens incluírem abordagens de género no que ensinam e publicam. Temos de perceber se estão a ser escolhidos apenas os textos dos homens canonizados. Tem de existir essa preocupação. Tal como disseram as historiadoras de arte dos anos 70, ou Virginia Woolf nos anos 20, nós não podemos inventar um

«É apenas quando as pessoas estão em lugares onde têm voz, onde têm poder, que podem fazer escolhas.»

passado. A discriminação do passado já fez com que tenhamos menos vozes e publicações no feminino. As mulheres dos anos 70, e as de agora, foram, e vão, à procura de vozes e de textos de mulheres que escreveram no século XVIII porque elas escreveram de facto, os textos existem, só que nos séculos posteriores não foram tidas em conta, não foram ensinadas, não foram integradas nos programas da universidade. No entanto, não se trata apenas de reescrever o passado. Não basta irmos descobrir boas escritoras ou pintoras ao passado. Temos também de questionar as formas de produção de conhecimento que fizeram com que a voz das mulheres não fosse valorizada, estudada, preservada.

**ULISBOA** Não adotou o apelido do seu marido. Foi um ato feminista?

**FLV** Sim. As nossas decisões são determinadas pela consciência que temos das coisas num dado momento. Este foi um ato feminista, mas há outros mais significativos. Todos os dias podemos ter gestos feministas. Podemos fazê-lo no modo como falamos com os amigos, ou na forma como pagamos às pessoas que trabalham para nós. Há ainda muitas mulheres a receberem menos do que os homens pelo mesmo trabalho porque há quem decida pagar-lhes menos. Se o dono de uma fábrica decidir pagar o mesmo aos seus funcionários, independentemente de serem uma mulher ou homem, é um gesto feminista. Tudo o que implique igualdade entre homens e mulheres é um gesto feminista.

**ULISBOA** No livro *A Arte Sem História* diz que escrever sobre mulheres artistas

esquecidas é como fazer uma escavação arqueológica. Quantos objetos arqueológicos há ainda por destapar na cultura portuguesa?

**FLV** Muitos. Os arquivos históricos estão cheios de materiais. Uso a expressão escavação arqueológica porque a investigação é mais difícil, é preciso escavar mais fundo. As mulheres portuguesas que cresciam nos séculos XIX ou XX não tinham a possibilidade, ou o atrevimento, de escrever para um jornal ou de publicar um livro, mas ainda assim produziam obra escrita como cartas ou diários. Esta escrita, à semelhança das obras de mulheres artistas, tende a estar em locais menos visíveis, privados, e de difícil acesso. Há também uma geração de mulheres artistas portuguesas, hoje com mais de 80 anos, ou que morreram recentemente, como a Helena Almeida, a Paula Rego, ou a Lourdes de Castro, que só tiveram algum reconhecimento público em Portugal muito tarde. Por outro lado, podemos encontrar documentos e histórias de mulheres em muitos espaços, se procurarmos bem, se usarmos as lentes certas. Em todos os arquivos e lugares da história é possível uma abordagem de género.

**ULISBOA** Fez parte da Comissão da Condição Feminina – atual Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género?

**FLV** Não pertenci, mas cresci nesse lugar porque a minha mãe trabalhou lá toda a vida. As mulheres tomavam conta dos filhos, não os maridos, e era para lá que eu e o meu irmão íamos quando não estávamos nas aulas. Passei lá muitas horas a

fazer desenhos e os trabalhos de casa. Foi um lugar importante para mim porque ali só trabalhavam mulheres e só se falava de igualdade.

**ULISBOA** Tem uma visão crítica sobre a linha editorial da Imprensa da Universidade de Lisboa.

**FLV** Tudo o que se traduz e edita é revelador do que se considera importante. Quando fui ao *website* da Imprensa da ULisboa, vi os livros com as lentes com que normalmente vejo estas questões. Escrevi para a Imprensa a dar a minha opinião, como também já escrevi para empresas de publicidade, ou para o jornal *Expresso*, questionando a opção de escolha dos autores das colunas de opinião, todos homens. Já ouvi muitas vezes a resposta de que se trata de mérito. Isso quer dizer que as mulheres não têm mérito? Quem decide quem tem mérito e qualidade? É uma escolha inócua e objetiva?

**ULISBOA** As Universidades de Lisboa e Coimbra apenas elegeram reitores homens, nunca uma mulher foi eleita. Usando um dos seus títulos, isto é M de Mérito ou M de Masculino?

**FLV** [Risos] Com certeza que é M das duas coisas. É M de Mérito e M de Masculino, mas não só de mérito.

**ULISBOA** O que é para si o feminismo?

**FLV** O feminismo defende que uma pessoa que nasça mulher deve ter as mesmas oportunidades e possibilidades de escolha que um homem, não podendo ser discriminada pelo facto de ter nascido mulher. Feminismo é o pensamento e a ação que nos possibilitam um mundo mais igualitário. •



No Mali

# PEDRO MATOS

Formado em Engenharia do Território no Instituto Superior Técnico, trabalha há doze anos no Programa Alimentar Mundial, galardoado com o Prémio Nobel da Paz em 2020. Uma hora depois de ter aterrado em Cartum sob uma tempestade de areia, falou connosco sobre o que faz e como também cada um de nós pode contribuir para diminuir a fome no mundo.

**ULISBOA** Partilhou connosco que esteve esta semana no Darfur. Pode descrever-nos o que faz?

**PEDRO MATOS** Cada operação do Programa Alimentar Mundial [PAM] tem duas vertentes: a logística – com os camiões, aviões, barcos, armazéns de comida – e o Programa em si, que toma as decisões sobre quem leva a comida, aonde e como. Definimos o perfil de vulnerabilidade de um país ou região e, consoante esse perfil, definimos as atividades, transformamos isso em tipos de comida e informamos a logística – por exemplo, que precisaremos de dez mil toneladas de comida durante os próximos seis meses. A logística compra a comida e o PAM distribui-a. No Sudão, implemento mecanismos de controlo

para garantir que a comida chega às pessoas avariadas. A minha função, coordenador para a digitalização, consiste na seleção dos beneficiários, o seu registo em bases de dados, mediante dados biométricos, e a implementação de mecanismos de controlo. Usamos cartões *contactless*. As pessoas passam o cartão e levam a comida de uma só vez, ou é registado um débito à medida que a levam. Um terço das nossas operações é realizado em *vouchers* ou dinheiro, ou seja, já não trazemos a comida para os países, as pessoas dirigem-se às lojas com o cartão e recolhem-na.

**ULISBOA** Onde esteve antes de ir para o Sudão?

**PM** Vim para o Sudão em outubro de 2020. Antes, estive um ano no Mali e, an-

tes disso, no Iémen e em Moçambique. No Mali, fiz a resposta de emergência no centro. O Mali está no Sahel, uma faixa de transição entre o Saara e uma zona fértil. Os agricultores distribuem-se pela faixa horizontal e os pastores fazem a transumância entre norte e sul. Os líderes dos pastores e os líderes dos agricultores negociavam a travessia, mas com o aparecimento das armas passou a negociar-se menos, e à força. As alterações climáticas fizeram o Saara avançar 200 km para sul nos últimos 40 anos, empurrando-os uns contra os outros. Entretanto, a Al-Qaeda, no Magrebe islâmico, avançou para sul, e o Boko Haram da Nigéria, associado ao estado islâmico, subiu. No Mali há, assim, uma seca, um conflito interétnico, e

um conflito com dois grupos rivais terroristas que se digladiam entre si, contra o Estado, e contra as organizações internacionais. Agora, a COVID-19 exacerbou todas estas questões.

**ULISBOA** De que modo a pandemia afetou a atividade do PAM?

**PM** A nossa sede é em Roma e tínhamos lá pessoas que precisávamos de pôr no terreno. Quando as companhias aéreas ficaram em terra, montámos uma companhia aérea global para levar humanitários e equipamentos de proteção individual para todo o mundo. Houve pessoas que não saíram de onde estavam durante um ano, o que esgotou as equipas. Fomos apanhados em todas as vagas de contágio. Houve, até ao momento, 30 casos no PAM do Sudão, e perdemos dois colegas. Nas comunidades que apoiamos, a infeção afetou menos do que a retração económica. No Mali, estávamos muito preocupados: para 30 milhões de pessoas, havia dez ventiladores e 30 camas de cuidados intensivos. Este ano pudemos equipar os países com ventiladores, equipamentos de proteção e planos de resposta. O ano passado, muitos países tentaram implementar medidas de restrição e confinamento, mas foi impossível: as pessoas que vivem da mão para a boca não podem ficar em casa. O Sudão tem uma inflação de 250 %. De seis milhões aumentou para dez milhões o número de pessoas em insegurança alimentar.

**ULISBOA** Tem dito que o mais importante é a prevenção, e não a reparação, da emergência.

**PM** Tenho falado na importância de trabalharmos mais nas causas do que nas consequências dos conflitos. É mais barato investir na resolução das causas, embora haja mais dinheiro para as respostas a emergências, porque são mais visíveis. Depois do conflito no Darfur, em 2004, o mundo humanitário mobilizou-se de forma nunca vista. Uma missão de capacetes azuis custava dois mil milhões de dólares por ano, e nós tínhamos uma operação só para a comida que custava

mil milhões. Não prevenindo um conflito, que é um problema de recursos e de acesso à água, gastamos três mil milhões de dólares por ano. A preparação para as emergências é diferente, porque os desastres naturais ocorrerão sempre. Investimos muito nisso, daí as quatro mil toneladas de comida que tínhamos prontas para enviar para a Beira, em Moçambique, antes de o ciclone Idai atingir a zona. Um projeto humanitário tem um ciclo: a resposta, quando só é possível salvar as pessoas; o período de recuperação, de estabilização das populações; o desenvolvimento, em que tentamos devolver-lhes os modos de vida anteriores à emergência; o processo de resiliência, ou seja, garantir que estarão mais bem preparadas para choques futuros. No Sahel, fazemos projetos de «comida por trabalho», construindo pequenas barragens e canais de irrigação, para garantir que agricultores e pastores têm acesso à água fora da época das chuvas.

**ULISBOA** Disse ser possível alimentar uma pessoa durante um mês com 15 euros.

**PM** Se em Portugal cada pessoa gastar cinco euros por dia para comer, num mês gastam-se 1500 milhões de euros, muito próximo do que serviria para alimentar dez milhões de pessoas, por ano, no Sudão. A reação das pessoas a estes números é achar que fazemos milagres ou que estamos a enganá-las. Não imaginamos alguém a alimentar-se com meio euro por dia. Isto é tanto uma incapacidade nossa de comunicar o nosso trabalho, como um sinal do quão desigual o mundo é.

**ULISBOA** Como se pode ajudar?

**PM** Até trabalhar no mundo humanitário, achava que dar dinheiro era mais perigoso do que dar géneros – agora sei que não. Eu decidi quanto queria dar por mês de ajuda, e que seria 10 % do meu salário. Não sou muito religioso, mas acabou por ser a dízima. [Risos] Se a alguém que ganha 1000 euros dar 100 euros parecer muito, podem ser 5 %. Ao fim de um ano, são 600 euros. Temos de fazer esta análise e decidir quanto vamos dar, e se de uma vez ou por



No Uganda

© WFP/Rachael Quast



Descarga de mantimentos na Beira, Moçambique

© WFP/Marco Fratini

«É mais barato investir na resolução das causas, embora haja mais dinheiro para as respostas a emergências, porque são mais visíveis.»

«Há universidades em todo o lado, há engenheiros, médicos e enfermeiros formados no Mali. Nunca ninguém me tinha dito que tinha de perceber onde é que as minhas competências faziam diferença.»

© WFP/Pedro Matos



Em Darfur



Num avião rumo à cidade de Beira, Moçambique

© Johnny Shipley

mês. Depois, escolher a área – a alimentação, a saúde, o ambiente – e procurar organizações em que confiamos. Podem estar mais perto, como o Banco Alimentar ou o Regueirão dos Anjos, ou mais longe, como a nossa. Acho que é mais útil e eficaz dar-mos menos, mas consistentemente.

**ULISBOA** O que fazia antes de entrar para o PAM?

**PM** Sou um bocadinho diletante: esta é a minha sexta carreira. Formei-me em Engenharia do Território, trabalhei em urbanismo e ambiente, depois comecei a especializar-me em sistemas de informação geográfica. Trabalhei no Centro Nacional de Informação Geográfica e depois em Madrid, no agora Centro de Satélites da União Europeia. Fui daí para a Agência Espacial Europeia. Trabalhei sete anos na área espacial, por via dos mapas e das imagens de satélite. Voltei para Portugal e trabalhei em empresas privadas. Fui trabalhar para a UNESCO em Paris, para o Centro do Património Mundial, onde montei um centro de observação da Terra para monitorizar património mundial em perigo. Trabalhei em instalações interativas para museus. Daí, passei para o PAM.

**ULISBOA** Quando começou a tentar integrar o PAM?

**PM** Concorri durante oito anos, mas mal. Achava que havia uma profissão de humanitário, e que fazia o que fosse preciso: acarretar sacas de comida, construir escolas. Mas

por que me escolheriam para ir para o outro lado do mundo fazer algo que nunca fiz? São os resquícios neocolonialistas do Ocidente, acharmos que por pouco que saibamos fazer, será sempre mais do que as pessoas no Mali. Há universidades em todo o lado, há engenheiros, médicos e enfermeiros formados no Mali. Nunca ninguém me tinha dito que tinha de perceber onde é que as minhas competências faziam diferença. Consegui um emprego em sistemas de informação geográfica e imagens de satélite, a única área em que sabia mais. O mundo humanitário é exatamente igual ao mundo empresarial.

**ULISBOA** Se humanitário não é uma profissão, acha que pode ser uma vocação?

**PM** Sim, e para mim é. Mas isso tem a ver com as razões pelas quais queremos entrar. Numa candidatura, essa parte deve vir na carta de motivação, não na entrevista.

**ULISBOA** Como foram os primeiros tempos?

**PM** O meu primeiro emprego foi aqui, no Sudão. Comecei com 35 anos. Senti que era mesmo o que queria fazer e que tinha perdido 10 anos da minha vida. Agora estou contente por ter começado mais tarde, e vejo o meu valor acrescentado. O meu trabalho com instalações interativas é agora útil para montar programas de comunicação com os beneficiários. E continuo a usar imagens de satélite e sistemas de informação geográfica. A primeira coisa que fizemos no conflito na

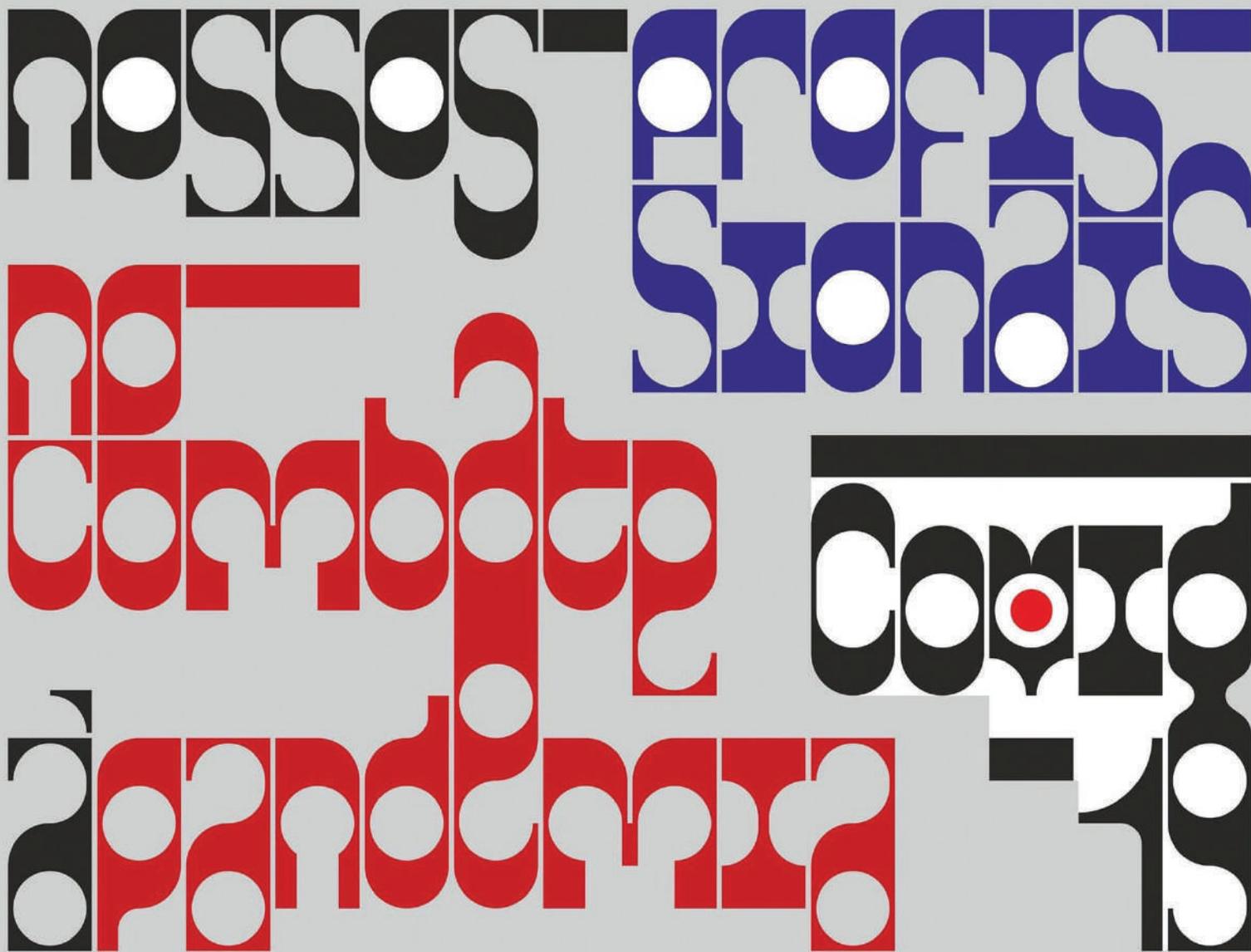
Etiópia foi programar satélites para passar por cima daquela zona. Sinto que, se um dia quiser, posso ir fazer outra coisa; se tivesse trabalhado 20 anos no mesmo, teria mais medo.

**ULISBOA** Há alguma situação marcante para si que queira referir?

**PM** [Pausa] Nada nos prepara para perdermos amigos de forma violenta, ou termos amigos raptados. É uma espada sobre a nossa cabeça. [Pausa] Que eu agora saiba como passar por um campo minado, ou o que fazer debaixo de fogo, não é natural, mas estes mecanismos de sobrevivência deram-me capacidades que não tinha. É importante ter empatia por pessoas diferentes de nós. Os média europeus passam semanas a falar dos ataques terroristas em Boston que mataram três pessoas, mas não fazem um rodapé com os ataques no Darfur que mataram 250. E não é uma questão de distância, é uma questão rácica. Do lado bom, a resposta do Idai foi claramente a coisa mais impactante que já me aconteceu. Salvámos muita gente; imediatamente, porque tirámos 10 mil pessoas de dentro de água, e nas semanas e meses seguintes, porque chegámos a 2 milhões de pessoas com comida.

**ULISBOA** Onde sente que é a sua casa?

**PM** Lisboa ainda é a minha casa, mas acho que agora podia viver em muitos sítios do mundo. •



## **ESTRUTURA HOSPITALAR DE CONTINGÊNCIA DE LISBOA**

### **INICIATIVA E ORGANIZAÇÃO:**

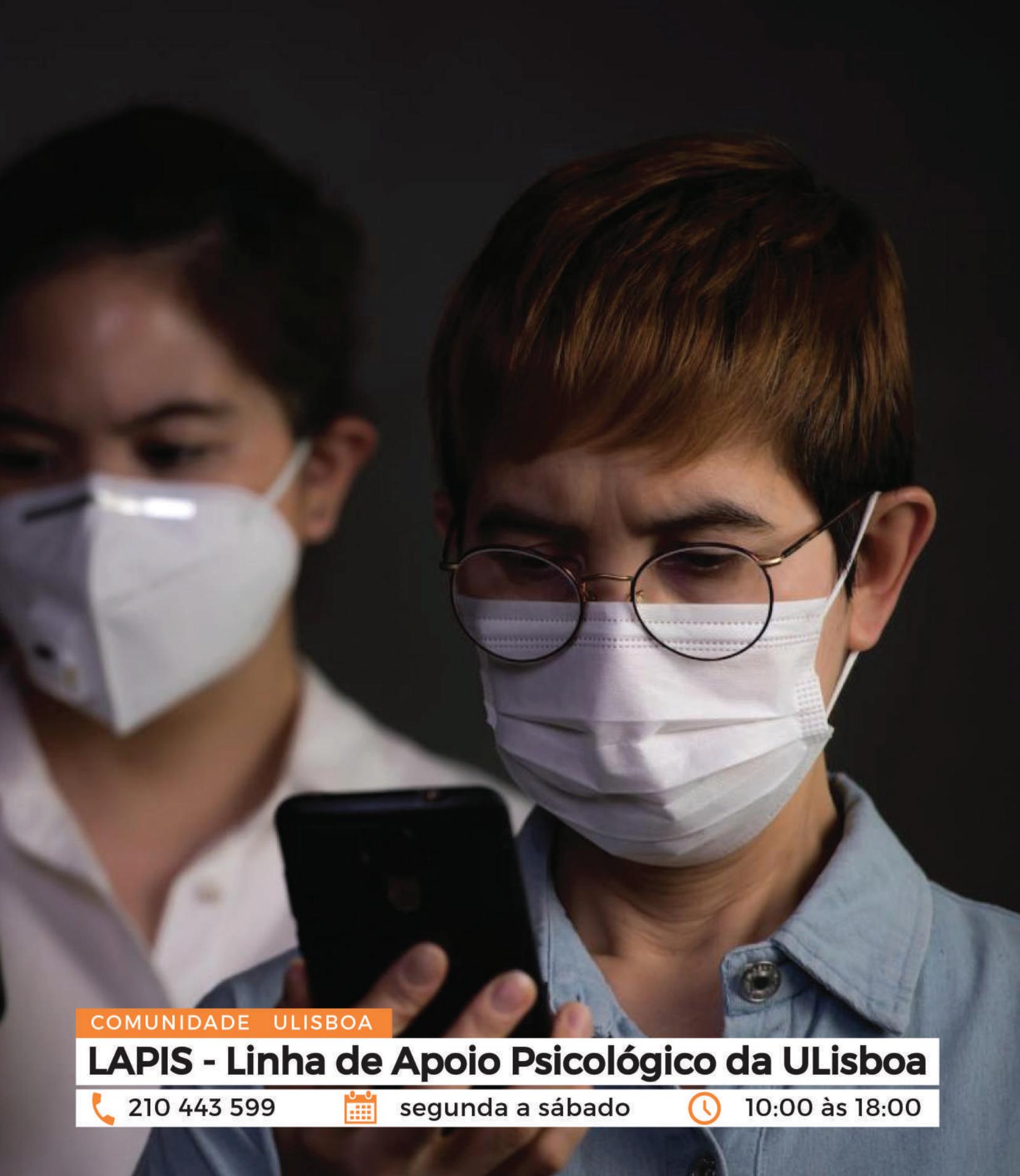
Universidade de Lisboa  
Câmara Municipal de Lisboa  
Estado-Maior General das Forças Armadas  
Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo  
Centro Hospitalar Universitário Lisboa Norte  
Centro Hospitalar Lisboa Ocidental  
Centro Hospitalar Universitário Lisboa Central

### **APOIO:**

Fundação AIR, BCP Millennium, ViiV Healthcare,  
Gilead Sciences, Associação de Hotelaria de Portugal,  
Associação de Comerciantes e Industriais Luso-Chineses,  
Sheraton Lisboa Hotel & Spa, Nippon Gases Portugal,  
Liga dos Amigos do Hospital Pulido Valente,  
Air Liquide Portugal, Fundação Prof. Pulido Valente  
Caixa Geral de Depósitos, Cama Solidária, Microsoft

[covid19.ulisboa.pt](https://covid19.ulisboa.pt)





COMUNIDADE ULISBOA

## LAPIS - Linha de Apoio Psicológico da ULisboa

 210 443 599

 segunda a sábado

 10:00 às 18:00